

LARS KEPLER

O caçador

TRADUÇÃO
Renato Marques

ALFAGUARA


Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58

59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

Epílogo

Sobre o autor

Créditos

É de manhã bem cedo e a água tranquila da baía brilha como aço escovado. As luxuosas mansões estão adormecidas, mas as luzes de seus jardins e piscinas cintilam atrás de cercas e sebes altas.

Com uma garrafa de vinho na mão, um bêbado percorre a estrada à beira-mar. Para em frente a uma casa branca com uma fachada alongada e voltada para a água. Com muita cautela, pousa a garrafa no meio da estrada, atravessa uma vala e escala a grade de metal preto.

Ele abre caminho ziguezagueando pelo gramado, depois se detém e cambaleia fitando os janelões, os reflexos das luzes do pátio, o contorno indistinto da mobília do lado de dentro.

Continua em direção à casa, acenando para saudar um enorme anão de jardim de porcelana e depois tropeça no deque de madeira. Bate um dos joelhos, mas mantém o equilíbrio.

A água da piscina reluz como uma lâmina de vidro azul.

Na borda, o homem se posiciona, instável, abre a calça e começa a urinar na piscina, depois vai andando trôpego na direção dos móveis de jardim azul-marinho e passa a encharcar as almofadas, as cadeiras e a mesa redonda.

Sua urina emana vapor no ar frio.

Ele fecha a braguilha e observa um coelho branco saltitar pelo gramado e desaparecer sob um arbusto.

Sorrindo, retoma a caminhada na direção da casa, escorando-se na cerca. Chega ao gramado, depois estaca e se vira.

Seu cérebro atordoado pela embriaguez tenta entender o que ele acabou de ver.

Uma figura vestida de preto com um rosto esquisito o encara.

Ou a pessoa estava de pé dentro da casa às escuras ou estava do lado de fora, observando-o no reflexo dos vidros.

1

VERÃO

Do céu escuro cai um chuvisco. As luzes da cidade brilham bem acima dos telhados. Não há vento, e as gotas iluminadas formam uma cúpula enevoada que cobre Djursholm.

Ao lado das águas tranquilas da baía de Germaniaviken esparrama-se uma mansão.

No interior da casa, uma jovem caminha pelo chão lustroso e pelo tapete persa tão cuidadosamente quanto um animal.

Seu nome é Sofia Stefansson.

Sua inquietação a faz registrar ínfimos detalhes da sala.

No braço do sofá há um controle remoto preto, com a tampa da bateria presa com fita adesiva. Veem-se marcas de copos no tampo da mesa. Um curativo velho está grudado na longa franja do tapete.

O chão range, como se alguém rastejasse em seu encaço, cômodo a cômodo.

Em seus saltos altos e panturrilhas tonificadas há salpicos de lama da trilha de pedras molhadas pela chuva. Suas pernas ainda são musculosas, apesar de ter parado de jogar futebol dois anos antes.

Sem que o homem que a espreita consiga ver, Sofia aperta nas mãos um spray de pimenta. Ela continua repetindo para si mesma que escolheu essa situação. Está no controle e quer estar ali.

O homem está de pé ao lado de uma poltrona e observa seus movimentos com franqueza descarada.

Os traços de Sofia são simétricos, mas seu rosto é bochechudo como o de uma menina. Ela está usando um vestido azul que deixa à mostra os

ombros. Uma fileira de botões pequenos e forrados se estende pescoço abaixo por entre os seios. O coraçãozinho de ouro em seu colar balança para cima e para baixo na base da garganta, no mesmo compasso de sua acelerada frequência cardíaca.

Ela poderia alegar que não está se sentindo bem, que precisa ir embora. Isso provavelmente aborreceria o homem, mas ele aceitaria.

O homem olha para Sofia com uma fome que faz o estômago dela vibrar de medo.

Ela é tomada pela sensação de que já o viu antes — talvez tenha sido um gerente sênior em algum lugar onde trabalhou, ou o pai de uma colega de turma de muito tempo atrás?

Sofia se detém a uma curta distância, sorri e sente as rápidas batidas de seu coração. O plano é manter distância até decifrar o tom e os gestos dele.

As mãos dele não parecem ser as de um homem violento: as unhas são bem cortadas e a aliança simples está arranhada por anos de casamento.

— Bela casa — ela diz, afastando do rosto uma mecha de cabelo.

— Obrigado — ele responde.

Ele não pode ter muito mais que cinquenta anos, mas ainda assim seus movimentos são pesados, como os de um idoso em sua velha casa.

— Você pegou um táxi para chegar até aqui? — ele pergunta e engole em seco.

— Sim — ela responde.

Eles ficam novamente em silêncio. O relógio no cômodo ao lado bate duas vezes com um tinido quebradiço.

Silenciosamente, um pouco de pólen cor de açafraão cai de um lírio.

Desde nova Sofia percebeu que se excita com situações de forte carga erótica. Ela gosta de ser admirada, da sensação de ter sido escolhida.

— A gente já se viu? — ela pergunta.

— Eu não teria esquecido algo assim — ele responde.

O cabelo loiro-acinzentado do homem é ralo e penteado para trás. Seu rosto flácido é brilhante e sua testa é atravessada por um profundo vinco.

— Você coleciona arte? — ela pergunta, meneando a cabeça na direção da parede.

— Tenho interesse em arte — ele diz.

Os olhos pálidos encaram Sofia através dos óculos com armação de tartaruga. Ela se vira e desliza o spray de pimenta para dentro da bolsa, depois caminha até uma enorme pintura numa moldura dourada.

Ele vai até ela e se detém um pouco perto demais, respirando pelo nariz. Sofia se assusta quando ele levanta a mão direita a fim de apontar para um dos quadros.

— Século XIX... Carl Gustaf Hellqvist — ele explica. — Morreu jovem. Teve uma vida conturbada, cheia de dor. Foi submetido a terapia de eletrochoque, mas era um artista maravilhoso.

— Fascinante — ela responde calmamente.

— Acho que sim — o homem diz, e depois caminha em direção à sala de jantar.

Sofia vai atrás dele, embora pressinta que está sendo atraída para uma armadilha. É como se a porta de saída estivesse se fechando atrás dela com preguiçosa lentidão, pouco a pouco obstruindo sua rota de fuga.

A sala imensa está decorada com cadeiras estofadas e armários lustrosos. Há fileiras de janelas com caixilhos de chumbo com vista para a água.

Ela nota duas taças de vinho tinto na beira da mesa de jantar oval.

— Posso te oferecer uma taça de vinho? — ele pergunta, voltando-se para ela.

— Prefiro branco, se você tiver — ela responde, preocupada que ele possa tentar drogá-la.

— Champanhe? — ele pergunta, sem tirar os olhos dela.

— Seria adorável — ela responde.

— Então vamos tomar champanhe — ele declara.

Quando você visita a casa de um completo desconhecido, cada cômodo pode ser uma armadilha; cada objeto, uma arma.

Sofia prefere hotéis, porque pelo menos há uma chance de alguém ouvi-la caso precise de ajuda.

Ela está seguindo o homem em direção à cozinha quando ouve um som estranho e agudo. Não consegue localizar a origem do ruído. O homem parece não ter notado, mas ela se detém e se vira para olhar as janelas escuras. Está prestes a dizer algo quando ouve um som muito nítido, como o estalido de um cubo de gelo caindo em um copo.

— Tem certeza de que não há mais ninguém aqui? — ela pergunta.

Ela poderia tirar os sapatos e correr em direção à porta da frente caso alguma coisa acontecesse. Ela é mais ágil do que o homem e, se saísse correndo, deixando o casaco pendurado onde está, conseguiria escapar.

Fica parada na porta da cozinha enquanto ele tira uma garrafa de Bollinger de uma adega refrigerada. Ele a abre e enche duas taças finas, espera que as bolhas se assentem e depois as cobre antes de caminhar até ela.

2

Sofia toma um gole do champanhe. Deixa o sabor se espalhar pela boca, ouve as bolhas estourarem na taça. Algo a faz olhar de novo para as janelas. Um cervo, talvez, ela pensa. Está escuro lá fora. Nos vidros ela vê refletidos os nítidos contornos da cozinha e das costas do homem.

O homem levanta mais uma vez a taça e bebe. A mão treme levemente quando gesticula na direção dela.

— Desabotoe um pouco seu vestido — ele diz em voz baixa.

Sofia esvazia a taça, vê a marca do batom na borda e a coloca em cima da mesa antes de abrir delicadamente o primeiro botão.

— Você está usando sutiã — ele diz.

— Sim — ela responde, e solta o segundo botão.

— Que tamanho?

— 44.

O homem permanece onde está e observa Sofia com um sorriso, e ela sente as axilas um pouco suadas.

— Que calcinha você está usando?

— Azul-clara, de seda.

— Posso ver?

Ela hesita, e ele percebe.

— Desculpe — ele se apressa em dizer. — Estou sendo muito direto? É isso?

— Talvez a gente precise lidar com o pagamento primeiro — ela diz, tentando parecer ao mesmo tempo firme e despreocupada.

— Entendi — ele diz, lacônico.

— É melhor tirarmos isso do...

— Você vai receber seu dinheiro — ele a interrompe com uma pitada de irritação na voz.

Quando ela atende seus clientes regulares, as coisas geralmente são muito diretas — agradáveis, até —, mas clientes novos sempre a deixam nervosa. Ela se preocupa com as coisas pelas quais já passou antes, como o pai de duas crianças em Täby, que a mordeu no pescoço e a trancou na garagem dele.

Ela anuncia seus serviços nas páginas de classificados das revistas online *Pink Pages* e *Stockholmgirls*. Quase todas as pessoas que entram em contato com ela são uma perda de tempo. Muita linguagem grosseira, promessas de sexo maravilhoso, ameaças de violência e punição.

Ela sempre confia em sua intuição quando começa a se corresponder com alguém novo. Essa mensagem específica era particularmente bem escrita. Bastante direta, mas não desrespeitosa. O homem disse que seu nome era Wille, seu número de telefone era privado e ele morava em uma área agradável.

No terceiro e-mail, ele explicou o que queria fazer com ela e quanto estava disposto a pagar.

Ela interpretou como um sinal de alerta.

Se parece bom demais para ser verdade, então tem algo de errado. Não existe refeição grátis neste mundo, e é melhor perder uma oportunidade de ouro do que correr riscos.

Ainda assim, ela está aqui agora.

O homem retorna e lhe entrega um envelope. Ela conta o dinheiro rapidamente e o coloca na bolsa.

— É o suficiente para você me mostrar sua calcinha? — ele quer saber.

Ela abre um sorriso caloroso, segura suavemente os dois lados do vestido e o levanta devagar até acima dos joelhos. A bainha roça sua meia-calça de náilon. Ela faz uma pausa e olha para ele.

Ele não retribui o olhar, mira apenas o meio das pernas de Sofia, enquanto ela vai pouco a pouco erguendo o vestido até a cintura. Sob as

meias claras, sua calcinha de seda brilha como madrepérola.

— Você está depilada? — ele pergunta com uma voz um pouco mais rouca.

— Depilei com cera.

— Tudo?

— Sim — ela responde.

— Isso deve doer, hein? — ele pergunta, parecendo genuinamente interessado.

— Você se acostuma — ela diz com um meneio de cabeça.

— Como muitas coisas na vida — ele sussurra.

Ela deixa o vestido cair novamente e aproveita a oportunidade para limpar o suor das palmas das mãos enquanto alisa o tecido sobre as coxas.

Apesar de já ter recebido o dinheiro, ela começa a se sentir nervosa de novo.

Possivelmente porque ele pagou muito, cinco vezes mais do que qualquer cliente anterior.

Em um dos e-mails, ele explicou que estava disposto a pagar um adicional pela descrição dela e pela satisfação de desejos específicos, mas esse valor está muito acima da taxa que ela normalmente cobra.

Quando ele escreveu para lhe dizer o que queria fazer, Sofia não achou que parecia tão ruim.

Ela se lembra de um homem de olhos preocupados que colocava a calcinha da mãe e queria que ela o chutasse na virilha. Ele pagou para ela fazer xixi nele encolhido no chão e uivando de dor, mas Sofia não conseguiu. Apenas agarrou o dinheiro e saiu correndo.

— As pessoas se excitam com todo tipo de coisa — Wille diz com um sorriso envergonhado. — Obviamente você não pode forçar ninguém... quero dizer, a pessoa tem que pagar por algumas coisas. Não espero que você realmente goste do que faz.

— Depende, mas se o homem for gentil, às vezes eu gosto de verdade — ela mente.

É óbvio que Sofia promete discrição total em seu anúncio, mas ainda assim ela toma suas precauções. Mantém em casa um diário em que anota os nomes e os endereços das pessoas com quem combina de encontrar, para que alguém possa achá-la caso venha a desaparecer.

Além disso, Tamara viu Wille uma vez, pouco antes de parar de trabalhar como acompanhante de luxo, se casar e se mudar para Gotemburgo. Sofia sabe que Tamara teria postado um aviso no fórum das profissionais do sexo se ele se comportasse de forma inadequada.

— Desde que você não me ache nojento e repugnante — o homem diz, dando um passo para mais perto dela. — Quero dizer, você é tão linda e eu sou... bem, sei como eu sou. A minha aparência até que era razoável quando eu tinha a sua idade, mas...

— Você não está nada mal agora — ela assegura.

Sofia pensa em todas as vezes que ouviu pessoas dizerem que as acompanhantes devem ser como psicólogos, mas a maioria dos homens com quem ela faz programas nunca conta nada de sua vida pessoal.

— Vamos para o quarto? — Wille pergunta com voz suave.

3

Enquanto sobe atrás do homem a ampla escadaria de madeira, Sofia pensa no quanto está apertada para ir ao banheiro. Em cada degrau o tapete macio é mantido no lugar por finas varinhas de latão. A luz de um enorme lustre incide no corrimão envernizado.

O plano inicial de Sofia era se concentrar em clientes exclusivos, aqueles que estivessem dispostos a pagar mais por uma noite inteira, aqueles que quisessem companhia para uma festa ou uma viagem.

Nos três anos em que ela vem trabalhando como acompanhante, teve talvez uma dúzia de encontros desse gênero, mas em sua maioria os clientes só querem um boquete depois do trabalho antes de voltar para casa e ficar junto da família.

A suíte principal é bem iluminada e dominada por uma imponente cama de casal com belos lençóis de seda cinza.

Do lado da esposa há sobre a mesinha de cabeceira um romance de Lena Andersson e um pote de um caríssimo creme para as mãos; do lado de Wille, um iPad com marcas de dedos no vidro escuro.

O homem mostra a ela as correias de couro preto que ele já amarrou nas colunas da cama e na cabeceira. Ela observa que não são novas, têm leves rachaduras nos vincos, e sua cor começou a desbotar.

De repente, o quarto estremece e rodopia algumas vezes. Ela olha para o homem, mas ele parece alheio a isso.

Nos cantos da boca o homem tem marcas brancas de pasta de dente.

As escadas rangem e o homem se vira para dar uma olhada de relance na direção do corredor antes de olhar de novo para ela.

— Preciso confiar em você pra me soltar quando eu pedir — ele diz enquanto desabotoa a camisa. — Tenho que ter certeza de que você não

vai tentar me roubar ou simplesmente fugir, agora que já está com seu dinheiro.

— É claro — ela responde.

O peito dele é coberto de pelos louros, e ele está se esforçando para encolher a barriga enquanto ela olha para ele.

Sofia decide pedir para ir ao banheiro só depois que ele já estiver amarrado. A porta do banheiro da suíte está entreaberta e ela pode ver pelo espelho o chuveiro e um naco de parede de mosaico dourada.

— Quero que você me amarre e não tenha pressa: não gosto de violência nem de força — ele diz.

Sofia assente e tira os sapatos; quando endireita o corpo para se aprumar, sente outra vertigem. Seu olhar se cruza com o do homem antes de ela levantar o vestido até o umbigo. O tecido crepita de eletricidade estática. Ela enfia os polegares sob a parte de cima da meia-calça e começa a puxá-la para baixo. A sensação de compressão desaparece assim que o tecido fino se amontoa em torno de suas panturrilhas.

— Você prefere ser amarrada no meu lugar? — ele pergunta, sorrindo com a sugestão.

— Não, obrigada — ela responde quando começa a desabotoar o vestido.

— É bastante confortável, de verdade — ele brinca, puxando suavemente uma das correias.

— Eu não faço esse tipo de coisa — ela explica em tom alegre.

— Nunca experimentei inverter os papéis. Estou disposto a pagar o dobro do seu preço se você aceitar fazer isso — ele diz, rindo, como se o pensamento o surpreendesse e o deliciasse.

O que ele está oferecendo agora é mais dinheiro do que ela ganha em dois meses, mas ter que ficar lá deitada e amarrada é perigoso demais.

— O que você me diz? — ele sorri.

— Não — ela responde, curta e grossa.

— Tudo bem — ele diz rapidamente e solta a correia.

A fivela faz um som tilintante ao atingir a coluna da cama.

— Você quer que eu tire toda a minha roupa?

— Espere um pouco — ele responde, cravando nela um olhar estranhamente inquisitivo.

— Tudo bem se eu usar o banheiro?

— Daqui a pouco — o homem diz. Pelo som da voz, dá a impressão de que ele está tentando controlar a respiração.

Os lábios de Sofia parecem estranhamente frios. Quando ela leva uma das mãos à boca, vê o rosto do homem se abrir em um largo sorriso.

Ele se aproxima de Sofia, segura com força seu queixo e depois cospe em cheio no rosto dela.

— O que você está fazendo? — ela pergunta, enquanto uma onda de vertigem passa por sua cabeça.

As pernas de Sofia de repente cedem e ela desaba com tanta violência no chão que morde a língua. Ela afunda de lado enquanto sua boca se enche de sangue, e vê o homem em cima dela, desabotoando a calça de veludo.

Sofia não tem forças para se arrastar para longe. Ela pousa a bochecha no chão e vê uma mosca morta na poeira debaixo da cama. Seu coração está batendo com tanta força que ela consegue ouvir os ecos surdos dentro da orelha. Percebe que deve ter sido dopada.

— Não. Não faça isso — ela balbucia em um grito sufocado antes de fechar os olhos.

Antes de Sofia perder a consciência, ocorre-lhe que o homem pode estar prestes a matá-la e que essa talvez seja a última experiência que ela terá na vida.

Sofia acorda tossindo. De súbito ela se lembra de onde está. Amarrada à cama de Wille. Deitada de costas, presa no lugar pelas correias de couro. Ele a amarrou com tanta força que os músculos de suas pernas e braços estão tensionados. Seus pulsos queimam e seus dedos estão gelados.

Sua boca está completamente seca, sua língua inchada e dolorida.

Suas coxas foram abertas, o que empurrou o vestido para a cintura.

Isso não pode estar acontecendo, ela pensa.

Ele deve ter colocado alguma substância numa das taças de champanhe enquanto ainda estava dentro do armário.

Sofia ouve uma conversa em tom formal no quarto ao lado. Alguém acostumado a dar ordens está falando.

Ela tenta levantar a cabeça de modo a espiar pela janela, para ver se é noite ou se já amanheceu, mas não consegue. Seus braços doem muito.

No instante em que Sofia se dá conta de que não tem ideia de quanto tempo faz que está ali, o homem entra no quarto.

O medo toma conta de Sofia. Ela sente a garganta se contrair e o coração acelerar.

O que definitivamente não deveria ter acontecido aconteceu.

Ela tenta se acalmar, pensa que precisa iniciar uma conversa. Tem que fazer o homem perceber que escolheu a mulher errada, mas que ela não dirá nada se ele a deixar ir embora imediatamente.

Sofia promete a si mesma que vai abandonar a carreira de acompanhante, que ela já faz isso há bastante tempo e esbanja o dinheiro com coisas inúteis de que não precisa.

O homem olha para ela com a mesma volúpia de antes. Ela tenta adotar uma expressão relaxada. Sabia desde o início que havia algo de

errado ali. Mas em vez de dar meia-volta e sair pela porta, ela ignorou seu instinto. Cometera um erro fatídico.

— Eu disse “não” para isto aqui — ela afirma em uma voz serena.

— Sim — ele responde com um sorriso lento e deixa seus olhos percorrerem todo o corpo dela.

— Conheço garotas que encaram isto aqui numa boa. Posso colocar você em contato com elas, se quiser.

Ele não responde, apenas respira pesadamente pelo nariz e caminha até a beirada da cama, entre as pernas dela. Ela sente o suor escorrer por todo o corpo e tenta se preparar para o que está por vir.

— Isto é uma agressão, você entende isso, não é?

Ele não responde, apenas ajeita os óculos no nariz e olha para ela com grande interesse.

— Estou me sentindo muito desconfortável e violentada — Sofia começa a dizer, mas se detém quando sua voz começa a tremer.

Ela se obriga a respirar mais devagar, a tentar não parecer assustada, a não suplicar. O que Tamara teria feito? Ela pode ver o rosto sardento da amiga à sua frente, aquele sorriso ligeiramente irônico, o olhar duro.

— Eu tenho informações sobre você escritas em um caderno no meu apartamento — ela diz, olhando-o nos olhos.

— Que detalhes? — ele pergunta, com indiferença.

— Seu nome, que provavelmente é inventado, mas também o endereço daqui, seu e-mail, o horário do nosso encontro...

— Então agora eu já sei disso — ele assente.

O colchão balança quando ele sobe na cama e começa a rastejar na direção de Sofia. Ele para entre as coxas dela, balançando, depois agarra a calcinha e dá um puxão. As costuras não se rompem, e Sofia sente uma dolorosa fisgada no ombro, como se ele tivesse saído do lugar.

O homem puxa com força outra vez, com as duas mãos. Sofia sente uma ferroadada quando a calcinha corta seus quadris, mas as costuras reforçadas não rasgam.

Ele sussurra algo para si mesmo, depois a deixa sozinha na cama.

O colchão balança mais uma vez, e Sofia começa a sentir cãibra nas coxas.

Ela tem uma lembrança fugaz dos treinos de futebol, do jeito que ela conseguia reconhecer quando uma cãibra estava a caminho, a tensão nas panturrilhas enquanto tentava arrancar fragmentos de lama dos cravos das chuteiras.

O rosto corado de suas amigas. O vestiário barulhento, o cheiro de suor, pomada de massagem e desodorante.

Como as coisas podem ter chegado a este ponto? Como ela acabou aqui?

Sofia tenta não chorar. Ela sente que, se mostrar medo, está liquidada.

O homem volta com uma pequena tesoura e corta a calcinha de ambos os lados, depois a tira de vez.

— Há uma porção de pessoas dispostas a ser submissas — Sofia diz.
— Eu conheço...

— Não quero garotas que estejam dispostas a fazer isso — ele a interrompe, jogando a calcinha na cama ao lado dela.

— Quero dizer, existem garotas que se excitam quando são amarradas — ela diz.

— Você não deveria ter vindo aqui — ele declara, sem rodeios.

Sofia já não consegue mais segurar as lágrimas e começa a chorar. Ela arqueia as costas e puxa as correias com tanta força que sua pele se rasga e o sangue começa a escorrer em fios pelo antebraço direito.

— Não faça isso — ela soluça.

O homem tira a camisa, joga-a no chão, empurra a calça para baixo e desenrola uma camisinha no pênis meio ereto.

O homem se ajoelha na cama e Sofia pode sentir o cheiro do látex nos dedos dele quando ele enfia dentro de sua boca a calcinha rasgada. Ela é invadida pela náusea e está prestes a vomitar. Sua língua está completamente seca e em suas bochechas escorrem fios de lágrimas. O

homem espreme um de seus seios através do vestido, depois se deita pesadamente em cima dela.

Sofia faz xixi de medo e sente uma poça quente de urina espalhar-se debaixo dela.

Quando o homem tenta penetrá-la com uma estocada, ela torce o corpo para o lado rapidamente e o empurra com o quadril.

Uma gota de suor escorre do nariz dele sobre a testa dela.

Ele agarra a garganta de Sofia com uma das mãos, olha para ela, a segura com mais força e se deita em cima dela de novo. Com o peso, Sofia afunda no colchão, o que faz suas coxas se abrirem ainda mais. Os tornozelos dela ardem de dor quando as colunas da cama rangem.

Ela luta para respirar, sacudindo a cabeça até conseguir fazer com que um pouco de ar entre nos pulmões.

Ele aperta com mais força a garganta de Sofia, cuja visão começa a estremecer. O quarto desvanece aos poucos enquanto ela o sente tentando penetrá-la à força. Sofia pelega para se contorcer, mas é impossível, vai acontecer de qualquer maneira. Ela não pode permanecer dentro de seu corpo, tem que pensar em outra coisa. Flashes de lembranças passam como raios, noites frias no grande campo de futebol, a respiração entrecortada, nuvens de vapor na frente de sua boca, o silêncio na beira do lago, a antiga escola em Bollstanäs.

O técnico do time aponta para a bola, apita e depois tudo silencia.

O aperto na garganta de Sofia desaparece, ela cospe a calcinha enfiada em sua boca e, com dificuldade, tenta puxar uma lufada de ar enquanto abre e fecha os olhos.

Alguém está tocando a campainha lá embaixo.

O homem agarra o queixo de Sofia e abre sua boca à força, depois empurra a calcinha de volta; ela começa a ter ânsia de novo, respirando pelo nariz, incapaz de engolir.

A campainha toca novamente.

O homem cospe em Sofia e desce da cama, puxa a calça para cima e agarra a camisa antes de sair do quarto.

Assim que ele sai, Sofia puxa a mão direita com todo o vigor de que é capaz, sem pensar nas consequências.

Sente uma dor insuportável, mas sua mão se desprende da correia.

Apenas a calcinha em sua boca a impede de soltar um berro.

Sua cabeça está latejando com baques surdos. Ela está prestes a desmaiar, e todo o corpo treme de dor. Seu polegar talvez esteja quebrado, e o ligamento aparentemente se rompeu. Sua pele parece uma luva velha, e o sangue escorre ao longo do braço. Ela tira a calcinha da boca.

Sofia choraminga alto enquanto tenta afrouxar a correia que prende seu pulso esquerdo. Seus dedos continuam escorregando, mas por fim ela consegue abrir a fivela. Rapidamente dá um puxão na correia através da trava, depois se senta e desata as amarras dos tornozelos.

Ela se levanta com as pernas trôpegas, segurando a mão machucada junto à barriga, e começa a atravessar o espesso tapete. Sua cabeça está martelando de pânico e dor. Seus pés estão dormentes e o vestido está molhado e gelado nas nádegas.

Com cuidado, ela sai do quarto e se arrasta ao longo do corredor onde o homem desapareceu há pouco.

Sofia se detém antes de chegar às escadas. Pode ouvir outra voz no andar de baixo e decide pedir socorro. Não consegue ouvir o que o outro homem está dizendo e, hesitante, chega mais perto. Há algumas roupas da lavanderia penduradas no corrimão. Através do plástico fino, ela pode ver montes de camisas brancas idênticas.

Limpa a garganta com cuidado, pronta para gritar por ajuda, quando percebe que o outro homem não está dentro da casa. Sua voz está vindo do interfone. É um mensageiro, pedindo permissão para entrar pelo portão. Wille diz que ele terá que voltar outra hora, depois desliga o interfone e anda de novo na direção das escadas.

Ela cambaleia, mas consegue manter o equilíbrio. Sente os pés formigarem, porque a circulação sanguínea voltou ao normal.

Sofia recua. O chão range sob seus pés; ela olha em volta e, mais adiante no corredor, avista uma sala maior, com pinturas de retratos nas paredes. Pensa em correr lá para dentro e abrir uma janela para pedir ajuda, mas percebe que não tem tempo.

5

Sofia desloca-se rápido rente à parede e passa pela escadaria, até chegar a uma estreita porta de armário. Ela agarra a maçaneta e puxa.

Trancada.

Através dos prismas do lustre, observa o homem subir as escadas.

Daqui a pouco ele a alcançará.

Sofia recua de novo até as escadas e se agacha no chão, escondida pelas camisas da lavanderia. Se olhar exatamente na direção de Sofia, ele a verá, mas se simplesmente passar, ela terá alguns segundos de vantagem.

A mão de Sofia dói tanto que a faz tremer inteira, e seu pescoço e garganta estão inchados.

Os degraus são velhos e gastos, e a escadaria range. Sofia vê o homem entre os corrimões e se encolhe, com cautela.

Wille chega ao topo e percorre o corredor.

Ele caminha em direção ao quarto sem reparar no sangue que ela deixou no tapete.

Sofia se levanta com cuidado, observando as costas e a nuca bronzeadas do homem, que entra no quarto.

Sem fazer ruído, ela dá a volta ao corrimão e corre em disparada escadaria abaixo.

Sofia percebe que ele saiu do quarto e já está atrás dela.

As batidas surdas dos passos se aceleram.

Sofia usa a mão ilesa para proteger a mão machucada, apertando os dedos latejantes e ensanguentados.

Tudo o que sabe é que precisa sair da casa. Ela se precipita pelo comprido corredor, ouvindo o rangido áspero da escada enquanto o homem a persegue.

— Não tenho tempo para isso! — ele grita.

Sofia passa por cima de um tapete estreito em direção à porta. Ela tropeça em um par de sapatos, mas mantém o equilíbrio.

O sistema de alarme pisca ao lado da porta da frente.

Os dedos de Sofia estão tão encharcados de sangue que a maçaneta escorrega de sua mão. Ela limpa a mão no vestido e tenta novamente, mas a maçaneta não cede. Sofia força o trinco para baixo e empurra a porta com o ombro, porém está trancada. Os olhos dela vasculham de um lado para o outro, procurando as chaves enquanto ela tenta mais uma vez girar o trinco. Ela desiste e atravessa correndo as portas duplas que levam à sala de estar.

Algo metálico atinge o chão em outro cômodo.

Sofia se afasta dos janelões, e seu próprio reflexo é uma silhueta em contraste com a parede clara atrás dela.

Ela ouve o homem vindo da outra direção, refaz os próprios passos e se esconde atrás de uma das portas.

— Todas as portas estão trancadas — ele diz em voz alta ao entrar na sala de estar.

Sofia prende a respiração; seu coração galopa no peito, e a porta range baixinho. Ele se detém no vão da porta. Pode vê-lo através da fresta entre as dobradiças, a boca entreaberta, as bochechas afogueadas.

Suas pernas começam a tremer novamente.

O homem dá mais alguns passos e depois para, à escuta. Sofia tenta não fazer ruído, mas está apavorada e respira com arquejos altos.

— Estou cansado deste joguinho agora — ele diz enquanto passa por ela.

A julgar pelos sons, Sofia percebe que ele está à procura dela, abrindo portas e fechando-as novamente. Ele diz em alto e bom som que quer apenas falar com ela.

A mobília raspa o chão, e depois há silêncio.

Ela aguça os ouvidos. Escuta a própria respiração, o sinistro tique-taque de um relógio, nada além disso.

Apenas silêncio.

Espera um pouco mais, atenta para ouvir passos furtivos, sabendo que isso pode ser uma armadilha, mas ainda assim escolhe sair de seu esconderijo, porque sabe que essa pode ser sua única chance.

Sofia rasteja ainda mais para dentro da sala de estar. Tudo está quieto, como se envolto em um sono secular.

Vai até uma das cadeiras ao redor da mesa lustrosa e tenta levantá-la, mas é pesada demais. Em vez disso, ela agarra a cadeira e a arrasta pelo espaldar com a mão ilesa, puxando-o em direção às portas francesas do pátio, gemendo de dor quando é obrigada a usar ambas as mãos. Ela corre dois passos, gira o corpo e, com um grito, arremessa a pesada cadeira contra o vidro.

A cadeira bate na janela e ricocheteia de volta no chão da sala. A vidraça interna se despedaça e desaba com estrépito, espalhando lascas de vidro por toda parte. Outros cacos, maiores, deslizam para baixo e ficam enfiados na vidraça externa intacta.

O alarme contra roubo começa a uivar em um volume ensurdecedor.

Sofia agarra novamente a cadeira, ignorando o fato de que as lascas de vidro estão cortando seus pés, e está prestes a lançá-la mais uma vez contra a janela quando vê que o homem está vindo em sua direção.

Ela solta a cadeira e caminha diretamente para a espaçosa cozinha; ágeis feito flechas, seus olhos inspecionam as tábuas brancas do assoalho e as superfícies das bancadas de aço inox.

Ele vai atrás dela com passos calculados.

Ela tem a lembrança de ser perseguida como parte de uma brincadeira de infância: a sensação de impotência quando percebia que seu perseguidor estava tão perto que não havia a menor chance de escapar.

Sofia se encosta na bancada em busca de esteio e derruba no chão um par de óculos e uma pulseira de aparência incomum.

Não sabe o que fazer. Olha para as portas fechadas do pátio, depois atravessa a cozinha até a ilha central, sobre a qual há duas painéis cintilantes; abre as gavetas com as mãos trêmulas, ofegando muito. Ela se vê fitando uma fileira de facas.

O homem entra na cozinha; ela pega uma das facas e se vira para encará-lo, recuando lentamente. Ele crava os olhos nela, segurando com as duas mãos um atizador de brasas manchado de fuligem da lareira.

Sofia o ameaça erguendo a faca de cozinha de lâmina larga, mas imediatamente se dá conta de que não tem a menor chance.

Ele poderia matá-la facilmente. A arma dele é muito mais pesada.

O alarme continua guinchando. Os cortes nas solas dos pés de Sofia ardem e sua mão machucada está dormente.

— Por favor, pare — ela ofega, recuando para a ilha central. — Vamos voltar pra cama, prometo que não vou te causar nenhum problema.

Ela mostra a faca, coloca-a sobre a bancada de aço inox e tenta sorrir para ele.

— Ainda assim eu vou bater em você — ele diz.

— Você não precisa fazer isso — Sofia implora. Ela sente que está perdendo o controle do rosto.

— Vou te machucar muito — ele diz, erguendo acima da cabeça a arma improvisada.

— Por favor, eu me rendo, eu...

— Você é a única culpada — ele a interrompe e, em seguida, de forma inesperada, deixa cair o atizador.

O objeto cai pesadamente no piso com um estrondo, depois se aquietou no chão. Das pontas das garras metálicas voam cinzas.

O homem sorri de espanto, depois olha para o círculo de sangue que se alastra por seu peito.

— Mas que diabos? — ele sussurra. Com uma das mãos, tateia em busca de um ponto de apoio, porém erra a bancada e cambaleia.

Outra mancha de sangue aparece no meio de sua camisa branca. As feridas vermelhas em seu corpo florescem feito chagas.

O homem pressiona uma das mãos contra o peito e, aos trancos e barrancos, começa a se arrastar em direção à sala de jantar, mas se detém e vira a palma da mão lambuzada de sangue. Ele parece uma criança assustada. Tenta dizer alguma coisa antes de cair de joelhos.

O sangue esguicha no chão na frente dele.

O alarme ainda está vociferando.

Sofia vê um homem com uma cabeça de formato muito bizarro por entre as cortinas claras.

Ele está parado, os pés bem afastados, e segura uma pistola com as duas mãos.

Seu rosto está completamente coberto por um gorro ninja preto com abertura apenas para a boca e os olhos. De uma das bochechas pendem o que parecem ser fios de cabelo ou rígidos pedaços de tecido.

Wille pressiona novamente a mão contra o peito, mas o sangue penetra por entre os dedos e escorre pelo braço.

Cambaleante, Sofia se vira e fita o homem armado. Sem desviar os olhos de Wille, ele tira uma das mãos da pistola e rapidamente recolhe do chão as duas cápsulas disparadas.

Ele corre para a frente, passando por Sofia como se ela não existisse. Com suas botas militares ele chuta o atiçador de brasas, agarra Wille pelo cabelo, puxa a cabeça dele para trás e pressiona o cano da pistola contra seu olho direito.

É uma execução, Sofia pensa, e, como se estivesse em um sonho, caminha em direção à sala de estar. Ela bate o quadril na borda da bancada e desliza a mão ao longo do aço inox. Quando passa pelos dois homens, um calafrio percorre sua espinha e ela começa a correr, mas escorrega no sangue. Seus pés derrapam, ela cai para trás e bate a cabeça com força no chão.

Sua visão fica borrada e por um momento tudo escurece, depois ela abre de novo os olhos.

Ela vê que o homem ainda não puxou o gatilho, o cano ainda pressiona suavemente a pálpebra fechada de Wille.

A nuca de Sofia está queimando e latejando.

Sua visão está desfocada, tudo rodopia. O que instantes atrás ela pensou serem tiras de couro ásperas penduradas na bochecha do homem agora parecem mais penas molhadas ou fios de cabelo emaranhados.

Ela fecha os olhos, dominada pela tontura, depois ouve vozes sobrepostas ao estridente lamento do alarme.

— Espere, espere — Wille implora, respirando rápido. — Você pensa que sabe o que está acontecendo, mas não sabe.

— Eu sei que Ratjen abriu a porta e agora...

— Quem é Ratjen? — Wille diz com a voz entrecortada.

— E agora o inferno vai devorar todos vocês — o encapuzado conclui.

Eles param de falar e Sofia volta a abrir os olhos. Uma singular câmera lenta parece ter tomado conta da casa. O homem mascarado consulta seu relógio de pulso, depois sussurra algo para Wille.

Ele não responde, mas parece entender. De sua barriga jorra sangue, que escorre até sua virilha e forma uma poça no chão.

Sofia vê que os óculos de Wille estão caídos no chão ao lado dela, perto do objeto que ela inicialmente julgou ser uma pulseira.

Agora ela percebe que é um alarme pessoal.

Uma pequena engenhoca de aço com dois botões, acoplados a uma pulseira de relógio.

O homem encapuzado está totalmente imóvel, olhando para a vítima.

Com cuidado, Sofia move a mão para o lado na direção do alarme, esconde-o atrás do corpo e aperta várias vezes os botões.

Nada acontece.

O homem solta o cabelo de Wille, mas continua pressionando o cano da pistola contra o olho direito dele. Espera alguns segundos e depois

aperta o gatilho.

Há um clique alto quando sai o disparo. A cabeça de Wille é empurrada para trás e o crânio verte uma cascata de sangue. Fragmentos de osso e massa cinzenta se espalham pelo chão da cozinha e chegam até a sala de jantar.

Sofia sente gotas quentes salpicarem seus lábios quando vê o cartucho expelido cair e quicar pelo chão.

Uma nuvem de pó cinza paira no ar; o cadáver desmorona como um saco de roupas molhadas e fica ali, imóvel.

O mascarado se inclina para pegar a cápsula, e seu relógio de pulso desliza para as costas da mão.

Ele se posiciona com as pernas abertas, uma de cada lado do corpo, inclina-se para a frente e pressiona o cano da pistola contra o outro olho do cadáver. Em seguida sacode a cabeça para afastar do rosto o que parece ser cabelo emaranhado, antes de apertar mais uma vez o gatilho.

6

O toque do celular de trabalho se torna parte de um sonho sobre um riacho que atravessa uma densa vegetação. Um momento depois, Saga Bauer é arrancada do sono e sai da cama, tão rápido que arrasta os lençóis pelo chão.

De calcinha, corre até o armário de armas e digita o número que sabe de cor. O brilho das luzes dos postes de rua se infiltra através das lâminas da veneziana, iluminando suas pernas sinuosas e costas nuas.

Ela destrava rapidamente a pesada porta de aço e ouve as instruções no celular enquanto pega uma bolsa preta e enfia nela uma Glock 21 no coldre, junto com cinco pentes de munição sobressalentes.

Saga Bauer trabalha como agente da Polícia de Segurança, especializada em combate ao terrorismo.

O toque que a acordou significa que um Código Platina foi declarado.

Ela vai às pressas para o corredor enquanto ouve as instruções finais e coloca o telefone na bolsa.

Não há tempo a perder.

Veste o macacão de couro preto diretamente sobre o corpo nu, sentindo o toque do tecido frio nas costas e nos seios, depois enfia os pés descalços nas botas e agarra na prateleira o capacete, o pesado colete à prova de balas e as luvas.

Sem perder tempo trancando a porta, sai do apartamento, puxa o zíper do macacão até o queixo. Coloca o capacete, ajeitando dentro dele alguns fios de cabelo loiro.

Há uma imunda motocicleta Triumph estacionada na rua Tavast. O silenciador do escapamento é de péssima qualidade, os protetores laterais de carenagem foram consertados várias vezes e a transmissão está

quebrada. Ela corre até a moto, abre a trava antifurto e a deixa cair no asfalto, junto com sua pesada corrente.

Monta na motocicleta, liga o motor com um coice no pedal de partida e sai em disparada.

Ignorando semáforos e placas de pare, ela acelera para ultrapassar um táxi.

O motor vibra contra a parte interna de seus joelhos e coxas, e o barulho no capacete parece uma criatura mugindo debaixo d'água.

A inspetora Saga Bauer tem um metro e sessenta e sete de altura e músculos de bailarina. Já foi uma das melhores boxeadoras do norte da Europa, mas parou de competir no pugilismo há alguns anos.

Ela tem vinte e nove anos e ainda é bonita de tirar o fôlego, com a pele pálida, pescoço esbelto e olhos azul-claros.

Ela não pensa muito em sua aparência e nunca percebe que em sua presença as pessoas tendem a sorrir e corar.

Uma sacola plástica gira no ar em frente à motocicleta, arrancando Saga de seus pensamentos.

Quando chega a Söder Mälarstrand, dá uma brusca guinada à esquerda. O pedal raspa o asfalto, mas ela consegue manter o equilíbrio enquanto passa por baixo da Ponte Central e sobe a rampa de acesso.

É a primeira vez que se envolve com um Código Platina. É o nível máximo de alerta, reservado para as maiores ameaças à segurança nacional.

Ela tem a sensação de estar voando enquanto passa pelos pináculos e becos estreitos do centro histórico de Gamla Stan, a Cidade Velha, e Riddarholmen.

Saga foi treinada para situações como essa. Dela se espera que aja de forma independente e não seja influenciada por nada, nem mesmo pelas leis em vigor.

Pode ver os sombrios prédios de tijolos do Hospital Karolinska à frente e entra na E4, forçando o motor de três cilindros a novecentas

cilindradas ao limite e atingindo duzentos e vinte quilômetros por hora. Ela passa por Roslagstull e vira à esquerda em direção à universidade.

O ar frio ajuda Saga a manter a calma enquanto ela avalia as informações que recebeu e formula uma estratégia operacional inicial.

Saga sai da estrada e acelera ao longo de Vendevägen em direção a Djursholm, com sua vegetação luxuriante e suas enormes mansões. O brilho turquesa das piscinas bruxuleia entre arbustos e árvores frutíferas.

Ela contorna muito rapidamente uma rotatória e pega a primeira saída à direita. Antes que seu cérebro tenha tempo de notar o carro estacionado, seus músculos reagem instintivamente e, com uma manobra brusca, a moto muda de direção. Saga quase cai, mas consegue neutralizar o impulso usando o peso do corpo. A roda traseira desliza no asfalto. Há um baque surdo quando ela atinge um grande contêiner de lixo de plástico antes de recuperar o controle da moto e acelerar com tudo.

Seu coração está martelando.

Felizmente, sua motocicleta tem um baixo centro de gravidade e uma direção bastante responsiva.

Provavelmente foi isso que a salvou.

Saga vê imensos iates na água enquanto percorre a ampla curva da estrada ladeada de casas imponentes. Ela já está bastante inclinada para a esquerda, mas acelera ainda mais quando chega à beira-mar.

Saga diminui a velocidade ao se aproximar do endereço.

Ela deixa a moto cair de lado na grama na beira da rua, tira o capacete, veste o colete à prova de balas e ajusta o coldre.

Treze minutos se passaram desde que seu celular a acordou.

O alarme da casa está guinchando.

Por um momento ela deseja que o detetive Joonas Linna esteja lá. Trabalhou com ele em seus maiores casos até então. Ele é o melhor policial que já conheceu na vida.

Ela o deixou na mão uma vez, mas isso jamais se repetirá.

Perderam contato depois que ele recebeu a sentença de prisão. Ela gostaria de visitá-lo na cadeia, mas sabe que ele precisa construir uma nova vida. Vai levar um bocado de tempo para ganhar a confiança dos outros prisioneiros.

Agora, um Código Platina foi declarado, e Saga está sozinha.

Ninguém mais da Polícia de Segurança chegou.

Ela pula o portão e sobe correndo até a entrada principal da casa. Insere na fechadura uma chapa de metal e depois a ponta fina e em gancho de um rebite metálico. Move a haste levemente para a direita no mecanismo até que os pinos da trava se soltam.

A tranca se abre com um clique surdo.

Saga deixa as ferramentas caírem no chão, saca a Glock, solta a trava de segurança e abre a porta. O uivo do alarme abafa todo o resto.

Rapidamente Saga verifica a entrada e o longo corredor adiante, depois corre às pressas até o painel de controle do alarme e insere a senha que memorizou.

O silêncio paira sobre a casa. Como um presságio.

Com a pistola em riste e o dedo no gatilho, ela atravessa o corredor, passa pela escada e chega a uma enorme sala de estar. Verifica atrás das portas e ao longo da parede à direita, depois continua em frente, agachada.

Um dos janelões dos fundos está quebrado. Há uma cadeira tombada no chão, cercada por estilhaços cintilantes de vidro.

Saga vai em frente em direção à porta da cozinha e vê a própria imagem refletida nas superfícies de vidro.

Sangue e fragmentos de crânio estão espalhados pelo chão, sofá e mesinha de centro.

Com a pistola empunhada, esquadrinha a sala, em seguida continua se movendo lentamente à medida que vislumbra cada parte da cozinha. Ela vê armários brancos e bancadas de aço inox.

Então se detém e aguça os ouvidos.

Pode ouvir um tique-taque baixo, como se alguém estivesse tamborilando uma unha no tampo da mesa.

Apontando a arma para a porta da cozinha, Saga se move em silêncio para o lado e vê um homem deitado de costas no chão.

Ele foi baleado no peito e nos dois olhos.

A parte de trás da cabeça já não existe.

Por baixo dele formou-se uma poça escura.

As mãos estão ao lado do corpo, como se tomasse um banho de sol.

Saga levanta a pistola novamente e checa o resto da cozinha.

As cortinas na frente das portas do pátio estão balançando, ondulando no quarto. As argolas na haste da cortina estão batendo de leve umas contra as outras.

Há borrifos do sangue do primeiro tiro disparado contra a cabeça do homem espalhados pelo chão, e alguém os pisou com pés descalços.

As pegadas levam direto até onde Saga está.

Ela rapidamente se vira e com a pistola erguida perscruta a cozinha antes de caminhar de volta até as portas duplas que dão acesso à sala de

estar.

Saga tem um sobressalto quando, pelo canto do olho, vê uma pessoa rastejando para sair do esconderijo atrás de um dos sofás.

Ela gira no exato momento em que a pessoa se levanta. É uma mulher de vestido azul. Saga aponta a pistola entre os seios da mulher quando ela dá um passo cambaleante.

— Mãos atrás da cabeça! — Saga berra. — Fique de joelhos! Ajoelhe-se!

Mantendo a pistola levantada, Saga corre para a frente.

— Por favor — a mulher sussurra, deixando cair no chão o alarme pessoal.

Ela mal tem tempo para mostrar que suas mãos estão vazias antes que Saga lhe acerte um pontapé na lateral do corpo, logo abaixo do joelho, com tanta força que suas pernas desmoronam e ela desaba no chão com um baque, primeiro o quadril, depois sua bochecha e têmpora.

Em um instante, Saga está em cima de Sofia. Dá um murro no rim esquerdo dela e depois pressiona a pistola em sua nuca, espremendo-a no chão com o joelho direito enquanto esquadrinha a sala mais uma vez.

— Tem mais alguém na casa?

— Só o atirador, ele foi pra cozinha — a mulher responde, ofegando.
— Ele disparou e depois foi...

— Quieta! — Saga a interrompe.

Saga rapidamente faz Sofia rolar de bruços e imobiliza seus braços atrás do corpo. A mulher se submete a tudo com uma calma desconcertante. Saga a algema com uma braçadeira, depois se levanta e corre cozinha adentro, passando pelo homem morto.

As cortinas ainda se avolumam, infladas pelo vento.

Com a pistola à frente do corpo, passa por cima de um atizador de brasas manchado de fuligem, verifica o lado esquerdo da cozinha e depois se move por trás da ilha central em direção às portas de correr.

Há um buraco redondo no vidro, feito por um cortador de diamante, e a porta está aberta. Saga sai para a varanda e, com a pistola em punho, esquadrinha o gramado e os canteiros de flores.

A água está imóvel, a noite silenciosa.

Quem invade uma casa para realizar uma execução tão limpa jamais permaneceria na cena do crime.

Saga volta para junto da mulher. Amarra os tornozelos com mais algemas do tipo braçadeira, mas mantém um joelho pressionado contra o cóccix dela.

— Eu preciso de algumas respostas — diz calmamente.

— Não tenho nada a ver com isso, eu só estava aqui, não vi nada — a mulher sussurra.

Saga puxa o vestido da mulher para baixo de modo a cobrir as nádegas antes de ela se levantar. Dali a pouco, cinco utilitários pretos aparecerão do lado de fora e a Polícia de Segurança entrará na casa.

— Quantos pistoleiros?

— Apenas um, eu só vi um.

— Você consegue descrevê-lo?

— Eu não sei. Ele estava com uma máscara no rosto, eu não vi nada, roupas e luvas pretas, tudo aconteceu tão rápido. Achei que ele ia me matar também, pensei...

— Certo, apenas espere — Saga a interrompe.

Ela vai até o cadáver. O rosto redondo do homem está preservado o bastante para que não tenha problemas em identificá-lo. Ela pega o celular, se afasta um pouco e liga para o chefe da Polícia de Segurança. É madrugada, mas ele está esperando a ligação e atende imediatamente.

— O ministro das Relações Exteriores está morto — ela diz.

8

Sete minutos depois, a casa e o entorno estão fervilhando de agentes da unidade especializada da Polícia de Segurança.

Nos últimos dois anos, a Polícia de Segurança aumentou drasticamente o nível de proteção dos membros do governo, com guarda-costas e modernos alarmes pessoais. Há diferentes níveis de alerta, mas, como a mulher apavorada conseguiu pressionar os dois botões do alarme simultaneamente por mais de três segundos, um Código Platina foi declarado.

A cena do crime foi isolada com cordões de segurança, três zonas separadas ao redor da área da Grande Estocolmo estão sendo monitoradas de perto e barreiras foram montadas.

Janus Mickelsen entra e aperta a mão de Saga. Ele está assumindo o comando da operação na casa, e ela rapidamente o informa sobre a situação.

Janus tem um charme quase hippie, com seu cabelo loiro-acobreado e um restolho de barba ruivo-clara. Apesar de Saga sempre achar que ele tem um estilo todo paz e amor, sabe que Janus era um militar de carreira antes de chegar à Polícia de Segurança. Participou da Operação Atalanta e foi designado para missões nas águas ao largo da Somália.

Janus posiciona um agente à porta, mas eles não seguirão o procedimento habitual de fazer uma lista das pessoas que visitam a cena do crime. De acordo com os protocolos do Código Platina, não deve haver registros de quem foi alertado ou está ou não ciente dos eventos.

Dois agentes da Polícia de Segurança vão falar com a jovem que Saga algemou. Os olhos dela estão vermelhos de tanto chorar, e o rímel escorreu pelas têmporas.

Um dos homens se ajoelha ao lado dela e saca uma seringa. Ela fica tão assustada que começa a tremer, mas o outro policial a segura com força enquanto o sedativo é injetado diretamente em sua veia.

As bochechas da mulher ficam vermelhas, ela estica o pescoço, o corpo tensiona e depois fica frouxo.

Saga observa enquanto os homens cortam as braçadeiras, colocam uma máscara de oxigênio sobre o nariz e a boca da mulher sedada, depois a levantam para colocá-la em um saco mortuário e fecham o zíper. Eles carregam o corpo inerte para o lado de fora até um furgão que está à espera.

As outras quatro equipes já estão ocupadas no processo de examinar a cena do crime, documentando tudo minuciosamente. Registram impressões digitais e de sapatos, mapeiam padrões de respingos, identificam orifícios de balas, ângulos e trajetórias de disparo, coletam evidências biológicas, fibras têxteis, fios de cabelo, fluidos corporais, fragmentos de osso e cérebro, além de recolher estilhaços de vidro e lascas de madeira.

— A esposa e os filhos do ministro estão a caminho de casa — Janus diz. — O avião deles pousa no aeroporto de Arlanda às oito e quinze, e até lá tudo precisa estar limpo aqui.

Os membros da unidade precisam coletar informações em uma única sessão de varredura. Não terão outra chance.

Saga sobe as escadas, que rangem, e entra no quarto do ministro das Relações Exteriores. O lugar cheira a suor e urina. Correias de couro estão penduradas nas quatro colunas da cama. Há manchas de sangue nos lençóis.

Em cima de uma cômoda, sob o brilho de um estojo porta-relógio, vê-se um chicote de jóquei. Do outro lado do vidro, um Rolex tiquetaqueia em silêncio ao lado de um luxuoso Breguet.

Saga se pergunta se a esposa do ministro sabia das prostitutas.

Provavelmente não.

Talvez simplesmente não tenha perguntado.

Ao longo dos anos, a pessoa percebe que é capaz de suportar todos os tipos de rachaduras na sua autoimagem e ainda assim aferrar-se à sensação de segurança.

A própria Saga passou anos em um relacionamento com um pianista de jazz, Stefan Johansson, até ser abandonada por ele.

Agora ele se mudou para Paris. Toca em uma banda e está noivo.

Quando está em turnê na Suécia, Stefan liga para Saga tarde da noite e ela o deixa visitá-la em seu apartamento. Saga sabe que não há a mínima chance de ele deixar a noiva por sua causa, mas não tem nada contra ir para a cama com ele.

Saga sabe que não é uma pessoa com quem seja fácil conviver. Tem um temperamento belicoso e a tendência a reagir de forma desmedida em determinadas situações.

Ela desce as escadas para ir até o corpo crivado de balas na cozinha.

O brilho das luzes se reflete nas placas do piso de alumínio sulcado. Ela tem a sensação de que está de pé em uma ponte de prata suspensa sobre uma paisagem de caos sangrento.

Saga passa um tempão observando as palmas das mãos do morto, viradas para cima, o calo amarelado sob a aliança de casamento, as manchas de suor nas axilas.

A equipe ao redor está trabalhando com rapidez e em silêncio. Tudo é filmado e catalogado em um iPad usando coordenadas tridimensionais. Fios de cabelo e fibras de tecido são recolhidos com um filme transparente adesivo, enquanto fragmentos de tecido e crânio são colocados em tubos de ensaio que são imediatamente refrigerados.

Saga aproxima-se da porta do pátio e examina o orifício circular nas três camadas de vidro.

Os sensores do alarme só dispararam depois que alguém arremessou a cadeira contra a janela, quando os detectores acústicos e os contatos magnéticos reagiram e foram ativados.

Então a cadeira não foi jogada pelo assassino.

Saga relembra o olhar de terror no rosto da mulher, os pulsos feridos, o fedor de urina.

Ela estava sendo mantida em cativeiro na casa?

Dois homens estão cobrindo o piso com grandes folhas de película térmica laminada, estendendo-as e pressionando-as com um grande rolo de borracha.

Um especialista em TI envolve em plástico-bolha o disco rígido do sistema de câmeras de vigilância e o coloca em uma caixa térmica.

Janus está estressado. Sua mandíbula está cerrada e sua testa sardenta, quase branca e salpicada de gotículas de suor.

— Certo, vamos lá... o que você acha? — ele pergunta, chegando ao lado de Saga.

— Eu não sei — ela responde. — O primeiro tiro no abdome foi disparado à distância e de um ângulo um pouco estranho.

O sangue esguichara da barriga do ministro das Relações Exteriores e escorrera pelo chão.

A bala disparada por uma pistola deixara vestígios que formam um anel pulverizado de sujeira ao redor do orifício de entrada. Há dois círculos de pólvora sobre a camisa do ministro.

Os dois primeiros tiros foram à distância, depois houvera dois disparos de muito perto.

Saga se inclina sobre o corpo e olha para os ferimentos de entrada nas órbitas oculares, notando que não há as costumeiras crateras de impacto ao redor dos orifícios.

— Ele usou um silenciador — ela sussurra.

O assassino deve ter usado o tipo de silenciador capaz de abafar também o clarão, porque não há evidências de ignição de gases de percussão. Caso contrário, os gases teriam penetrado à força sob a pele e deixado uma depressão evidente ao redor do ferimento.

Ela se endireita e se afasta para dar espaço a um técnico forense, que estende uma folha de plástico adesivo sobre o rosto do morto. Ele a pressiona contra os buracos de bala, em um esforço para coletar partículas do anel de sujeira; depois, com um marcador, assinala no plástico o exato centro dos orifícios de entrada.

— Ele foi colocado de bruços depois de morto e em seguida virado de costas novamente — Saga diz.

— Para quê? — o técnico forense pergunta. — Por que o...?

— Cale a boca — Janus o interrompe.

— Quero ver as costas dele — Saga anuncia.

— Faça o que ela diz.

Todos sabem que o tempo está começando a se esgotar. Ansiosos, colocam sacos nas mãos do ministro das Relações Exteriores e abrem ao lado do corpo um saco mortuário. Levantam cuidadosamente o cadáver e o deitam de bruços sobre o saco. Saga olha para os grandes ferimentos de saída nas costas e o vão na parte de trás da cabeça.

Ela fita o chão onde o ministro estava deitado e observa os orifícios dos dois tiros finais, e então percebe por que razão o corpo fora deslocado para o lado.

— O atirador levou as balas embora.

— Ninguém faz isso — Janus murmura.

— Ele usou uma pistola semiautomática com silenciador... quatro tiros foram disparados, dois dos quais claramente letais — Saga diz.

Um homem corpulento está zanzando pelos móveis de tons escuros da sala de estar, borrifando luminol sobre o tecido enquanto outro técnico forense reposiciona uma poltrona no lugar por cima das depressões no tapete.

— Preparem-se para encerrar — Janus grita, batendo palmas. — Vamos limpar a casa em dez minutos, e o vidraceiro e o pintor estarão aqui em uma hora.

O homem corpulento remove as chapas laminadas de proteção do chão da equipe forense. Assim que saem pela porta, outra equipe entra na casa para limpá-la.

O assassino não apenas levou consigo os cartuchos, mas também recolheu as balas do chão e das paredes enquanto o alarme soava e a polícia estava a caminho. Nem mesmo os melhores assassinos profissionais fazem isso.

Eles estão lidando com um homicídio executado à perfeição, mas o matador deixou uma testemunha. É difícil que não tenha notado que alguém o observava de perto na cena do crime.

— Vou conversar com a testemunha — Saga diz. — A mulher deve ter algum tipo de envolvimento.

— Você sabe que nossos especialistas já estão lá — Janus diz.

— Eu preciso fazer minhas próprias perguntas — Saga responde, e parte em direção ao local onde deixara sua moto.

9

Na época de sua construção, no início da Guerra Fria, o abrigo antiaéreo sob Katarinaberget, em Estocolmo, foi o maior abrigo nuclear do mundo. Hoje, toda a estrutura do bunker, exceto a seção que costumava alojar os geradores de reserva e as unidades de ventilação, é usada como estacionamento.

A casa das máquinas é um prédio separado, encravado no leito de rocha ao lado do abrigo propriamente dito.

Atualmente o local é usado pela Polícia de Segurança.

É onde fica a prisão secreta conhecida como Spinnhuset. Os interrogatórios mais confidenciais são realizados nas entranhas das antigas piscinas de gelo.

Ainda nas primeiras horas da manhã, Saga cruza de moto a ponte da eclusa Slussen. Seu suado macacão de couro está gelado junto aos seios. Ela pega a entrada em arco ao lado do posto de gasolina e desce pela garagem. A mudança na acústica amplifica o rugido do motor.

Há lixo acumulado sob as grades amarelas descascadas, e fios soltos pendem dos alto-falantes.

Os painéis que cobrem o largo sulco no chão estrondeiam sob os pneus quando Saga passa pelas imensas portas de correr do abrigo, desenhadas para proteger o edifício contra uma onda de pressão.

Enquanto ela desce a rampa de concreto, sua mente pondera sobre o enigma não resolvido.

Por que a mulher ativaria o alarme de segurança e depois permaneceria na cena do crime se estivesse envolvida no assassinato?

Se, pelo contrário, ela não estava envolvida no assassinato, por que o assassino deixaria uma testemunha com vida?

A Polícia de Segurança vê a mulher como uma ameaça, ou porque está envolvida no crime ou simplesmente porque estava no lugar errado na hora errada.

Saga vai acionando os freios com cautela à medida que penetra cada vez mais fundo nos círculos da garagem subterrânea.

A identidade da mulher foi verificada. O nome dela é Sofia Stefansson e aparentemente trabalha meio período como prostituta, embora isso não tenha sido confirmado.

Até agora, eles contam apenas com o que ela disse e com os poucos documentos que encontraram no apartamento dela.

Saga não pode descartar a possibilidade de Sofia ter sido recrutada por uma organização terrorista.

Talvez ela tenha sido a isca; será que filmou o que aconteceu na cama para chantagear o ministro das Relações Exteriores?

Mas, nesse caso, por que ele foi assassinado?

Saga solta os freios e faz a curva para entrar no nível mais profundo da garagem.

Cantando os pneus, passa por alguns carros estacionados. Um pó vermelho rodopia em torno da motocicleta. Ela estaciona e caminha até uma porta à prova de explosão, pintada de azul.

Desliza no leitor eletrônico o cartão de identificação, insere o código de nove dígitos e aguarda alguns segundos. A porta se abre para uma câmara de ar de segurança.

Ela mostra novamente seu documento de identificação e assina um formulário, e sua entrada é autorizada por um guarda que pega sua pistola e chaves. Depois de passar pelo escâner de corpo inteiro, recebe permissão para entrar pela porta interna da câmara.

Jeanette Fleming está sentada na sala dos funcionários. Ela é psicóloga e uma das especialistas em interrogatórios da Polícia de Segurança. É uma linda mulher de meia-idade, e seu cabelo loiro-acinzentado é cortado estilo joãozinho.

Vestida com a elegância de sempre, Jeanette está comendo salada de um recipiente de plástico.

— Você sabe que não estou dando em cima de você, mas você é ridiculamente atraente — ela diz, empurrando o garfo de plástico para dentro da salada. — De alguma forma eu me esqueço disso toda vez... suponho que seja alguma espécie de instinto de autopreservação.

Jeanette coloca o resto da salada na geladeira. Elas andam em direção aos elevadores.

— A quantas anda o seu recurso? — Saga pergunta.

— Foi negado.

— Lamento ouvir isso.

Jeanette esperou oito anos para o marido decidir que estava pronto para ter filhos, e então ele a deixou. Ela passou três anos tentando arranjar namorado pela internet antes de solicitar ao serviço de saúde sueco o tratamento de inseminação artificial.

— Sei lá, se eles disserem não, talvez eu vá até a Dinamarca para fazer isso... mas ainda quero que a criança fale sueco — Jeanette brinca ao entrar no elevador com Saga.

Ela aperta o botão para o nível mais baixo.

— Li apenas o relatório inicial no meu celular — Saga diz.

— Eles foram muito duros com a garota. Ela ficou assustada e se fechou — Jeanette diz. — Eles receberam ordens para pegar pesado.

— Quem deu as ordens?

— Não faço ideia — Jeanette responde.

O elevador desce rapidamente. A luz da gaiola reflete nas ásperas paredes de rocha, e o contrapeso brilha no breve instante em que passa por elas.

— Sofia está com medo de que a machuquem de novo. Ela precisa de alguém que a ouça, a proteja.

— Quem não precisa disso? — Saga sorri.

Elas chegam à parte mais profunda do prédio e andam rapidamente pelo corredor. Nesse nível, tudo parece imóvel e cinzento.

A história de Sofia Stefansson foi corroborada pela descoberta em seu sangue de uma alta dose de flunitrazepam, um sedativo de ação rápida. Seus pulsos e tornozelos estão feridos e há hematomas na parte interna de suas coxas. Suas impressões digitais foram encontradas na cadeira que quebrara a janela.

Se a história de Sofia for verdadeira, ela deve ser considerada uma vítima, de acordo com a lei que proíbe a compra de serviços sexuais: foi agredida e explorada pelo cliente e deve ter permissão para falar tanto com a polícia quanto com um psicólogo.

Porém, como também pode estar envolvida em um grave ato de terrorismo, a lei de nada vale.

— Acho melhor eu esperar na sala de controle — Jeanette diz.

Saga digita o código e abre a porta do antigo depósito de gelo.

A iluminação na sala sem janelas é muito resplandecente. Uma câmera de segurança de circuito fechado registra tudo o tempo todo.

O depósito foi construído para acomodar duzentas toneladas de gelo com o propósito de manter o abrigo resfriado em caso de guerra nuclear.

Sofia Stefansson está de pé, numa posição desconfortável, no centro da sala, suspensa sobre um lençol de plástico. Seus ombros estão puxados firmemente para trás e as mãos amarradas junto às costas. O que sustenta o peso de seu corpo é o cabo ao qual ela está enganchada e que se estende até uma prancha sob uma das vigas. Sua cabeça está abaixada, e a cabeleira fina esconde seu rosto.

10

Saga se aproxima imediatamente de Sofia. A policial se certifica de que ela ainda está viva e depois explica que vai abaixá-la até o chão.

Saga começa a girar a manivela. Sofia vai aos poucos descendo até o piso. Uma das pernas dela começa a se envergar.

— Coloque os calcanhares no chão e agente firme — Saga a instrui em voz alta.

A pele dos tornozelos de Sofia está rasgada, e Saga pensa nas correias ensanguentadas amarradas nas colunas da cama no segundo andar da casa.

Primeiro ela estava lá e agora está aqui embaixo.

Sofia se deixa cair de lado sobre o lençol de plástico. Sua respiração é penosa. Sem maquiagem ela parece ainda mais jovem. Talvez seja muito jovem. Suas pálpebras estão inchadas e os hematomas no pescoço estão mais escuros.

Quando Saga afrouxa as alças dos braços de Sofia, ela começa a tremer e seu corpo se retesa.

— Não me machuque — ela suspira. — Por favor, eu não sei de nada.

Saga aciona a manivela para puxar o cabo vazio de volta até o teto e depois arrasta uma cadeira para Sofia.

— Meu nome é Saga Bauer. Sou oficial da Polícia de Segurança.

— Chega — ela sussurra. — Por favor, eu não aguento mais.

— Sofia, me escute... eu não sabia que estavam te tratando assim. Sinto muito por isso e vou levar a questão ao meu chefe esta tarde — Saga diz.

Sofia levanta a cabeça do chão. Suas bochechas estão manchadas de lágrimas. Todas as suas joias foram tiradas e seu cabelo castanho está

grudado no rosto pálido e empapado de suor.

Saga foi submetida a afogamento simulado. Fazia parte de seu treinamento avançado, mas ela não considera essa técnica de interrogatório particularmente eficaz.

Ela olha para um balde de água ensanguentada com uma toalha boiando e pensa consigo mesma que a única coisa que a tortura revela são os segredos do próprio torturador.

Saga pega uma garrafa de água e ajuda Sofia a beber um pouco, depois lhe dá um pedaço de chocolate.

— Quando eu vou poder ir embora para casa? — Sofia sussurra.

— Eu não sei. Primeiro precisamos de respostas a algumas perguntas

— Saga diz, em tom de quem pede desculpas.

— Eu já contei a vocês tudo o que sei. Eu não fiz nada de errado. Não entendo por que estou aqui — Sofia soluça.

— Eu acredito em você, mas ainda preciso saber o que você estava fazendo naquela casa.

— Eu já contei tudo a eles — ela choraminga.

— Conte para mim — Saga diz com voz suave.

Sofia levanta devagar os braços rígidos para tirar as lágrimas dos olhos.

— Eu trabalho como acompanhante de luxo, e ele entrou em contato comigo — ela responde em voz baixa.

— Como ele entrou em contato com você?

— Eu pus um anúncio e ele escreveu um e-mail explicando o que estava interessado em fazer.

Vagarosamente, a jovem se senta com a coluna reta e aceita outro pedaço de chocolate.

— Você tinha spray de pimenta com você. Costuma andar com esse tipo de coisa?

— Sim, geralmente, sim, embora a maioria das pessoas seja gentil e atenciosa... na verdade, tenho mais problemas com as pessoas que se apaixonam por mim do que com as que ficam violentas.

— Há alguém que saiba para onde você está indo, que possa ir até você caso precise de ajuda?

— Eu escrevo os nomes e endereços em um caderno... e a Tamara, ela é minha melhor amiga, ele já era cliente dela, e ela não teve nenhum problema.

— Qual é o sobrenome da Tamara?

— Jensen.

— Onde ela mora?

— Ela se mudou para Gotemburgo.

— Você tem um número de telefone?

— Sim, mas não sei se está funcionando.

— Você tem outras amigas trabalhando como acompanhantes?

— Não.

Saga dá alguns passos para trás e olha para Sofia. Acha que a jovem está dizendo a verdade sobre seu trabalho.

Não há nada que contradiga a história dela, apesar de haver pouca coisa que a confirme.

— O que você sabe sobre o seu cliente?

— Nada. Só que ele estava disposto a pagar muito dinheiro para ser amarrado na cama — Sofia responde.

— E você o amarrou na cama?

— Por que vocês todos continuam perguntando a mesma coisa? Eu não entendo. Não estou mentindo. Por que eu mentiria?

— Apenas me conte o que realmente aconteceu, Sofia — Saga diz, tentando chamar a atenção dela.

— Ele me drogou e me amarrou na cama.

— Como era a cama?

— Era grande. Não me lembro muito da cama. Que importância isso tem?

— Sobre o que vocês conversaram?

— Nada.

A equipe técnica já vasculhou o computador, o telefone celular e o caderno de Sofia com os endereços — não há nada que sugira que ela soubesse que seu cliente era o ministro das Relações Exteriores da Suécia.

Saga olha para o rosto esgotado da jovem. Ocorre-lhe a suspeita de que talvez Sofia esteja aferrada à sua história original com fidelidade um pouco excessiva. É quase como se ela estivesse evitando certos pormenores para não cair em contradição.

— Você viu algum carro estacionado do lado de fora do portão quando chegou?

— Não.

— O que ele disse pelo interfone quando você tocou a campainha? — Saga pergunta.

— Eu não sei quem ele é — Sofia diz, com a voz quase embargada. — Entendo que ele é rico e importante, mas não sei nada a respeito dele, só que ele disse que se chamava Wille. Mas é normal que os homens usem nomes falsos.

Saga sabe que, se Sofia fizer parte de algum grupo radical e simpatizar com objetivos subversivos, jamais vai confessar o que quer que seja. Mas, se foi enganada ou forçada a participar, há uma chance de que ela se abra.

— Sofia, estou te ouvindo, se houver algo que você queira me dizer... você não matou ninguém, eu já sei, e é por isso que acho que posso te ajudar. Mas, para poder fazer isso, preciso saber a verdade.

— Estou sendo acusada de alguma coisa? — Sofia pergunta num fiapo de voz.

— Você estava presente quando o ministro das Relações Exteriores da Suécia foi assassinado, estava deitada na cama dele, jogou uma cadeira para quebrar a janela e pisou no sangue dele.

— Eu não sabia — Sofia murmura, e seu rosto empalidece.

— Então, eu preciso de algumas respostas... entendo que você pode ter sido enganada ou coagida, mas gostaria que me dissesse qual era sua

missão ontem à noite.

— Eu não tinha missão nenhuma. Não sei do que você está falando.

— Se você não está disposta a cooperar comigo, não há nada que eu possa fazer por você — Saga diz com firmeza e se levanta da cadeira.

— Por favor, não vá embora — a jovem pede, desesperada. — Vou tentar te ajudar, prometo.

Enquanto caminha em direção à porta, Saga deixa Sofia implorar para que ela não vá.

— Se alguém estiver ameaçando você ou sua família, podemos ajudar — Saga diz, abrindo a porta. — Podemos arranjar um refúgio, novas identidades, você vai ficar bem.

— Eu não entendo... quem está nos ameaçando? Por que faria isso? Isso é loucura.

Mais uma vez Saga se pergunta se de fato Sofia estava simplesmente no lugar errado na hora errada. Mas isso ainda suscita a pergunta: por que um assassino profissional deixaria para trás uma testemunha?

Se Sofia realmente é uma testemunha, deve ter visto algo que possa ser útil na investigação. Durante os primeiros interrogatórios, ela não conseguiu fornecer uma descrição do assassino. Simplesmente continuou repetindo que o rosto dele estava escondido por uma máscara e que a coisa toda aconteceu muito rápido.

Saga precisa que Sofia comece a se lembrar de algum detalhe concreto. O mais ínfimo pormenor poderia desencadear memórias que ela havia bloqueado devido ao estado de choque.

— Você viu o assassino — Saga diz, virando-se.

— Mas ele estava usando um gorro. Eu já disse isso.

— De que cor eram os olhos dele? — Saga pergunta, fechando novamente a porta.

— Eu não sei.

— Como era o nariz dele?

Sofia balança a cabeça, e um corte no lábio começa a sangrar.

— O ministro das Relações Exteriores foi fuzilado. Você se virou e viu o assassino parado lá com a arma na mão.

— Eu só queria fugir. Comecei a correr, mas caí e depois encontrei aquele alarme, que...

— Você precisa me dizer como estava o criminoso quando você se virou — Saga diz.

— Ele estava segurando a pistola com as duas mãos.

— Assim? — Saga pergunta, simulando empunhar uma arma com ambas as mãos.

— Sim. Ele estava olhando fixamente para a frente, não tomou conhecimento de mim... ele não se importava que eu estivesse lá. Nem sei se ele me viu. Tudo aconteceu em questão de segundos. Ele estava atrás de mim, mas passou correndo e agarrou o...

Ela para de falar e franze a testa, olhando à sua frente como se estivesse revendo os eventos se desenrolarem em sua imaginação.

— Ele o agarrou pelo cabelo? — Saga pergunta com voz suave.

— O Wille caiu de joelhos depois do segundo tiro... o assassino o segurou pelo cabelo e pressionou a pistola contra um dos olhos. Foi tudo tão irreal.

— Ele estava sangrando muito, não estava?

— Sim.

— Ele estava com medo? — Saga pergunta.

— Ele parecia aterrorizado — Sofia sussurra. — Tentava ganhar tempo, dizendo que a coisa toda era um erro. Ele tinha sangue na garganta, por isso era difícil ouvir o que ele falava, mas estava tentando dizer que era um erro, que o homem devia deixá-lo viver.

— Quais foram as palavras exatas dele?

— Ele disse... “Você pensa que sabe o que está acontecendo, mas não sabe”... e depois o assassino disse... com muita calma, que... “Ratjen abriu a porta”. Não, espere, ele disse: “Ratjen abriu a porta”... e “o inferno vai devorar todos vocês”, foi o que ele disse.

— Ratjen?

— Sim.

— Poderia ter sido outro nome?

— Não... bem... quero dizer, é o que pareceu.

— O ministro das Relações Exteriores deu a impressão de saber quem era Ratjen?

— Não — Sofia responde, fechando os olhos.

— Vamos lá, o que mais ele disse? — Saga insiste.

— Nada. Não ouvi mais nada.

— O que ele quis dizer com Ratjen abrindo a porta?

— Eu não sei.

— É o tal Ratjen quem está fazendo isso? Ele é responsável por desencadear o inferno? — Saga pergunta em voz alta.

— Por favor...

— O que você acha? — Saga pergunta.

— Eu não sei — Sofia responde e limpa as lágrimas das bochechas.

Saga caminha a passos rápidos em direção à porta. Ela ouve Sofia chamando seu nome.

O rosto impassível do motorista olha de relance pelo retrovisor para verificar se o veículo de segurança atrás dele ainda o segue de perto.

Como um ronronar reconfortante, o som do motor percorre o interior do Volvo construído sob encomenda para o primeiro-ministro.

Um ano atrás, a Polícia de Segurança decidiu que o primeiro-ministro sueco precisava de um veículo blindado e reforçado. O carro tem doze cilindros e 453 cavalos de potência e pode fazer cem quilômetros por hora de marcha a ré. Suas janelas são projetadas para resistir a projéteis de armas de alta velocidade.

O primeiro-ministro está sentado no amplo assento de couro na parte de trás do carro e usa o indicador e o polegar da mão esquerda para massagear suavemente suas pálpebras fechadas. O paletó do terno azul-marinho está desabotoado e a gravata vermelha pende, toda torta, na frente da camisa.

Saga está a seu lado, ainda vestindo o macacão de couro. Ela não teve tempo de se trocar e está com calor. Sente vontade de abrir o zíper até a cintura, mas não faz isso porque por baixo ainda está nua.

Na frente, no banco do passageiro, está o diretor da Polícia de Segurança, Verner Sandén. Sua mão está curvada sobre o encosto do assento, e seu corpo comprido contorcido de modo que consiga olhar para o primeiro-ministro enquanto o coloca a par da situação.

Com seu vozeirão ele percorre a cronologia dos fatos, desde a declaração do Código Platina até o acelerado exame de perícia da cena do crime e os relatórios em andamento da equipe de técnicos forenses.

— A casa voltou ao seu estado original. Não resta nenhum vestígio que indique o que aconteceu lá ontem à noite — Verner conclui.

— Meus pensamentos estão com a família — o primeiro-ministro diz em voz baixa, virando-se para olhar pela janela.

— Vamos deixar a família fora disso. Naturalmente, estamos mantendo o mais alto nível de sigilo.

— Você está me dizendo que a situação é grave? — o primeiro-ministro pergunta enquanto responde a uma mensagem de texto.

— Sim, há circunstâncias específicas que nos levaram a solicitar uma reunião urgente com o senhor — Verner responde.

— Bem, como você sabe, vou viajar para Bruxelas hoje à noite. Eu realmente não tenho tempo para tratar disso — o primeiro-ministro explica.

Saga pode sentir as nádegas grudadas em seu traje de couro.

— Estamos lidando com um assassino profissional ou semiprofissional que cumpre à risca um plano muito bem definido — Saga diz, tentando levantar um pouco a bunda.

— A Polícia de Segurança está sempre propensa a grandiosas teorias da conspiração — o primeiro-ministro diz, prestando atenção novamente à tela do celular.

— O assassino usou uma pistola semiautomática com um silenciador que resfria o gás de percussão — ela diz. — Ele matou o ministro das Relações Exteriores com um tiro no olho direito. Depois recolheu a cápsula vazia, inclinou-se sobre o cadáver, encostou a pistola no olho esquerdo, atirou novamente, recolheu o projétil, depois virou...

— Mas que diabos? — o primeiro-ministro diz, olhando para ela.

— Não foi o assassino quem acionou os alarmes — continua Saga. — Porém, mesmo com os alarmes soando alto o suficiente para acordar todo o bairro, e mesmo com a polícia a caminho, ele ficou para arrancar as balas da parede e do assoalho de madeira antes de sair da mansão. Ele sabia onde estavam todas as câmeras de segurança, por isso não há uma única imagem dele em lugar nenhum... e posso lhe dizer agora que a perícia não vai encontrar nada que nos permita chegar mais perto dele.

Ela se cala e olha para o primeiro-ministro, que toma um gole de água, abaixa o copo pesado e enxuga a boca.

O carro desliza em direção ao norte de Djurgården. À esquerda está a grande extensão de grama do bairro de Gärdet. No século XVII, a área era usada para exercícios militares, mas hoje as únicas pessoas que a frequentam são alguns praticantes de corrida e pessoas que levam os cães para passear.

— Então foi uma execução? — ele pergunta com voz rouca.

— Sim. Ainda não sabemos o porquê, mas pode ser chantagem. Talvez o assassino estivesse tentando obter informações confidenciais — Verner explica. — Pode ser que o ministro tenha sido forçado a dar algum tipo de declaração diante de uma câmera de vídeo.

— Isso não parece nada bom — o primeiro-ministro murmura.

— Não. Estamos convencidos de que se trata de um ato de terrorismo político, mesmo que ninguém tenha assumido a responsabilidade ainda — Verner responde.

— Terrorismo?

— Havia uma prostituta na casa do ministro das Relações Exteriores — Saga diz.

— Ele tem os problemas dele — o primeiro-ministro diz, franzindo levemente o nariz comprido.

— Sim, mas...

— Deixem isso pra lá — ele a interrompe.

Saga olha de relance para o primeiro-ministro. Nos olhos dele há uma expressão distante, e sua mandíbula está contraída. Saga pensa com seus botões se ele está tentando compreender o que aconteceu. O ministro das Relações Exteriores de seu governo foi assassinado. Talvez esteja pensando na última vez que acontecera algo semelhante.

Em um dia cinzento de outono em 2003, a ministra das Relações Exteriores Anna Lindh fazia compras com uma amiga quando foi atacada por um homem que a esfaqueou nos braços e no peito.

A ministra não andava com guarda-costas, tampouco tinha proteção pessoal. Ficou gravemente ferida e morreu na sala de cirurgia.

A Suécia era diferente naquela época. Era um país onde os políticos ainda acreditavam que tinham o direito de proclamar ideais socialistas de decoro internacional.

— A mulher que o ministro das Relações Exteriores estava usando...

— Saga continua, encarando o primeiro-ministro nos olhos. — Ela ouviu um fragmento de conversa que nos leva a crer que estamos diante do que parece ser o primeiro de vários assassinatos planejados.

— Assassinatos? Mas que assassinatos, porra? — o primeiro-ministro indaga, elevando o tom.

O Volvo do primeiro-ministro desliza pela estreita ponte de pedra de Djurgårdsbrunn e vira à esquerda ao longo do canal. Os pneus esmagam o cascalho da estrada. Dois patos entram na água e nadam para longe da margem.

— O assassino mencionou um certo Ratjen como uma espécie de figura-chave — Verner diz.

— Ratjen? — o primeiro-ministro repete em tom interrogativo.

— Talvez já o tenhamos identificado. O nome dele é Salim Ratjen e está cumprindo uma longa sentença de prisão por crimes relacionados a entorpecentes — Saga explica, inclinando-se para a frente a fim de se desgrudar da umidade do traje de couro.

— Vemos fortes ligações entre os eventos da noite passada e um xeique, Ayad al-Jahiz, que comanda um grupo terrorista na Síria — Verner acrescenta.

— Estas são as únicas imagens que temos de Ayad al-Jahiz — Saga diz, estendendo o celular.

Uma breve gravação de vídeo mostra um homem de idade, de rosto agradável. Ele tem barba grisalha e usa óculos. Olha para a câmera enquanto fala. Parece que se dirige a um grupo de atentas crianças em idade escolar.

— Ele tem gotas de sangue nos óculos — o primeiro-ministro sussurra.

O xeique Ayad al-Jahiz conclui seu breve discurso e abre os braços em um gesto de benevolência.

— O que ele estava dizendo?

— Ele disse... “Arrastamos os infiéis atrás de caminhões e blindados até que as cordas se soltassem... nossa tarefa agora é encontrar os líderes que apoiam os bombardeios e atirar neles até que seus rostos desapareçam” — Saga responde.

O primeiro-ministro limpa a boca com a mão trêmula.

Eles atravessam outra ponte e seguem em direção à marina.

— O serviço de segurança do Presídio Hall interceptou um telefonema que Salim Ratjen fez para um celular não identificado — Verner diz. — Na ligação eles discutem, em árabe, três grandes celebrações. O primeiro festejo coincide com a data em que o ministro das Relações Exteriores foi morto... o segundo deve acontecer na quarta-feira e o terceiro, no dia 7 de outubro.

— Meu Deus — o primeiro-ministro murmura.

— Temos quatro dias — Verner diz.

Galhos roçam o teto do carro quando eles dão uma guinada abrupta e começam a voltar na direção da Torre Kaknäs.

— Por que diabos vocês não estavam mantendo esse tal Ratjen sob vigilância mais rigorosa? — o primeiro-ministro pergunta, tirando um lenço de papel da caixa na porta do carro.

— Ele não tem ligações anteriores com nenhuma rede terrorista — Verner responde.

— Então ele se radicalizou na prisão — o primeiro-ministro diz, secando o pescoço.

— É o que achamos.

A chuva está ficando mais forte, e o motorista aciona os limpadores de para-brisa. As lâminas varrem as gotículas do vidro.

— E vocês acham que eu posso ser... uma dessas celebrações?

— Temos que levar em consideração essa possibilidade — Saga responde.

— Então vocês estão sentados aqui para me dizer que alguém pode me matar na quarta-feira? — o primeiro-ministro diz, incapaz de esconder

sua agitação.

— Precisamos fazer Ratjen falar... precisamos saber quais são os planos dele, antes que seja tarde demais — Verner responde.

— Que diabos vocês estão esperando?

— Não acreditamos que Salim Ratjen possa ser interrogado da maneira convencional — Saga tenta explicar. — No primeiro interrogatório, cinco anos atrás, ele não respondeu nada, e durante o julgamento não disse uma única palavra.

— Mas vocês dispõem de meios e métodos, não é?

— Quebrar alguém pode levar muitos meses — ela responde.

— Tenho um trabalho bastante importante — o primeiro-ministro responde enquanto amassa o lenço. — Sou casado, tenho dois filhos e...

— Lamentamos muitíssimo por isso — Verner diz.

— Esta é a primeira vez que vocês realmente são necessários. Portanto, não me digam que não há nada que vocês possam fazer.

— Pergunte-me o que devemos fazer — Saga diz.

O primeiro-ministro olha para ela, surpreso, e depois afrouxa a gravata.

— O que devemos fazer? — ele repete.

— Diga ao motorista que pare o carro e saia.

Eles chegaram a Loudden e o sombrio terminal de petróleo. O longo braço do píer é quase invisível sob a chuva cinzenta.

Embora o primeiro-ministro ainda pareça hesitante, ele se inclina para a frente e fala com o motorista.

A chuva diminuiu, uma chuva fria que faz as poças chapinharem. O motorista da Polícia de Segurança para em frente a um dos tanques de combustível.

O motorista sai e fica a alguns metros do carro. Em questão de segundos a chuva escurece o tecido bege da jaqueta de seu uniforme.

— Então, o que devemos fazer? — o primeiro-ministro pergunta mais uma vez, olhando para Saga.

O dia de trabalho termina na Unidade T do presídio de segurança máxima de Kumla, e quinze presos acotovelam-se disputando espaço na apertada academia de musculação.

Não são permitidos pesos de ferro, halteres, barras nem nenhum equipamento que possa ser usado como arma.

Quando Reiner Kronlid e seus guarda-costas da Irmandade entram, os presos se afastam. O poder de Reiner baseia-se no fato de que ele controla todo o tráfico de drogas na unidade e defende sua posição como um deus ciumento.

Sem que ele precise dizer uma palavra, um homem magro desce da bicicleta ergométrica e rapidamente limpa com toalhas de papel o selim e o guidão.

As luzes de tira fluorescentes e estáticas revelam as paredes descascadas. O ar está pesado com o cheiro de suor e pomada chinesa.

Como sempre, o grupo de velhos drogados se reúne do lado de fora da divisória de acrílico, e dois albaneses da gangue de Malmö matam o tempo junto à mesa de pingue-pongue.

Joona Linna termina uma série de flexões na barra fixa, se solta da barra e pousa suavemente no chão. Olha para a janela. A luz solar poeirenta enche novamente a academia. Por alguns segundos seus olhos cinzentos parecem chumbo derretido.

Joona está barbeado e seu cabelo loiro foi cortado bem curto, quase à escovinha. Sua testa está franzida, a boca firme. Ele veste uma camiseta azul-clara, as costuras repuxadas sobre os músculos salientes.

— Mais uma série antes de mudarmos para uma de pegada mais ampla — Marko diz.

Marko é um detento esguio e mais velho que se encarregou de atuar como guarda-costas de Jooná.

Um preso recém-chegado, de rosto fino e parecido com o de um pássaro, está se aproximando da academia. Esconde algo junto ao quadril. As maçãs do rosto são afiladas, os lábios pálidos, e o cabelo ralo está preso em um rabo de cavalo.

Ele não está usando roupas adequadas para a academia. Veste uma jaqueta de lã vermelho-ferrugem que deixa à mostra as tatuagens no peito e no pescoço.

O homem magro passa por baixo da última câmera de segurança instalada no teto e entra na academia, depois se detém na frente de Jooná.

Um dos guardas da prisão do lado de fora da divisória de acrílico se vira, e o bastão pendurado em sua cintura balança e bate no vidro.

Alguns dos presos dão as costas a Jooná e Marko.

A atmosfera fica tensa, e todos se movem com cautela renovada.

O único som é um zumbido de alta frequência da ventilação.

Jooná volta a se posicionar embaixo da barra, dá um salto e içá o corpo.

Marko está atrás dele, seus braços tatuados e sinuosos pendurados na lateral do corpo.

As veias nas têmporas de Jooná palpitam enquanto ele puxa as omoplatas para trás e levanta o corpo pelos braços, de novo e de novo, erguendo o queixo acima da barra.

— Você é o policial? — o homem de rosto magro quer saber.

Pequenas bolotas de poeira flutuam suavemente pelo ar parado. O guarda do outro lado da parede de acrílico troca algumas palavras com um detento, depois começa a caminhar de volta para a sala de controle.

Braços e cotovelos esticados, Jooná ergue o corpo em mais uma flexão.

— Mais trinta — Marko diz.

O homem de rosto fino está olhando para Joonas. O suor brilha em seu lábio superior e escorre pelas bochechas.

— Vou pegar você, seu desgraçado — ele diz com um sorriso tenso.

— *Nyt pelkään*¹ — Joonas responde calmamente e se levanta de novo.

— Sacou? — O homem sorri. — Você entende o que eu estou dizendo, porra?

Joonas percebe que o recém-chegado está escondendo junto ao quadril uma faca, uma arma improvisada feita de um longo e fino pedaço de vidro envolto em fita adesiva.

Ele vai mirar baixo, Joonas pensa. Vai tentar me atingir abaixo das minhas costelas. É quase impossível apunhalar alguém com vidro, mas se o caco for reforçado com talas sob a fita, ainda consegue penetrar no corpo antes de se soltar.

Alguns outros detentos se agruparam do lado oposto da parede de acrílico, olhando com curiosidade para a academia de musculação. Sua linguagem corporal revela um entusiasmo contido. De forma aparentemente casual, estão obstruindo o campo de visão das câmeras.

— Você é policial — o homem sibila entre dentes, depois olha para os outros. — Vocês sabiam que ele é policial?

— Isso é verdade? — um dos espectadores pergunta com um sorriso e toma um gole de uma garrafa de plástico.

Um crucifixo balança numa corrente em volta do pescoço de um homem de aparência abatida. As cicatrizes na parte interior de seus braços estão desbotadas das queimaduras do ácido ascórbico que ele usou para dissolver a heroína.

— É, eu juro, porra — o prisioneiro de rosto magro insiste. — Ele é da Investigação Criminal, é um porco do caralho, um policial imundo.

— Isso provavelmente explica por que todo mundo chama o cara de “o policial” — o homem com a garrafa de plástico diz com sarcasmo e abafa uma risadinha.

Joonas continua fazendo flexões na barra.

Reiner Kronlid está sentado na bicicleta ergométrica com um olhar impassível no rosto. Seus olhos estão perfeitamente imóveis, como os de um réptil, enquanto ele observa a cena.

Um dos homens de Malmö entra e começa a correr na esteira. Os baques secos de suas passadas e o zumbido da correia da esteira enchem a apertada sala.

Joona solta a barra, pousa suavemente no chão e olha para o homem armado.

— Posso sugerir um tema para você refletir a respeito? — Joona diz em seu sueco com sotaque finlandês. — “A ignorância fingida nasce da confiança, a fraqueza ilusória nasce da...”

— Do que você tá falando, porra? — o homem o interrompe.

Após o tempo em que serviu na unidade de operações especiais dos paraquedistas, Joona recebeu, nos Países Baixos, treinamento aprimorado em combate corpo a corpo não convencional e armamentos inovadores.

O tenente Rinus Advocaat o treinou para situações muito semelhantes a essa. Joona sabe exatamente como desviar o braço do homem, como esmagar sua garganta e traqueia com uma série de golpes repetidos, como torcer a faca de vidro de sua mão, como enfiá-la no pescoço dele e quebrar a ponta.

— Mete a faca no policial — um membro da Irmandade rosna e depois ri. — Você não tem coragem...

— Cala a boca — um homem mais jovem diz.

— Esfaqueia o cara — outro homem diz, gargalhando.

O prisioneiro de rosto fino aperta na mão a faca improvisada e Joona o encara nos olhos quando ele se aproxima.

Se Joona for atacado agora, sabe que terá que impedir a si mesmo de seguir adiante com a sequência de movimentos impressos em seu corpo.

Durante seus quase dois anos de prisão, ele conseguiu evitar brigas sérias. Seu único objetivo era cumprir sua pena e começar uma nova vida.

Ele precisa apenas desviar o braço, arrancar a arma da mão do homem e derrubá-lo no chão.

Joona vira as costas para o recém-chegado com a faca. Enquanto troca algumas palavras com Marko, pode ver o reflexo do homem na janela olhando para o pátio.

— Eu poderia ter matado o policial — o homem diz, respirando com dificuldade pelo nariz fino.

— Não, você não poderia — Marko responde por cima do ombro de Joona.

1. “Já estou com medo”, em finlandês. (N. T.)

Vinte e três meses se passaram desde que Joona foi considerado culpado de usar violência para ajudar um criminoso condenado a escapar da custódia. Ele foi levado para a unidade de avaliação de riscos do presídio de Kumla.

A unidade de transporte do serviço prisional levou seus poucos pertences pessoais, documentos de custódia e identificação. Levado ao centro de recepção, Joona foi obrigado a se despir e a fornecer uma amostra de urina para exame toxicológico, e recebeu roupas novas, lençóis e uma escova de dentes.

Após cinco semanas de avaliação, Joona foi colocado na Unidade T em vez de na unidade de segurança em Saltvik, para onde geralmente são enviados policiais condenados. Ele passaria os anos seguintes em uma cela de seis metros quadrados, com piso de plástico, uma pia e uma janelinha de acrílico gradeada.

Nos primeiros oito meses, Joona trabalhou na lavanderia com os demais detentos. Conheceu muitos homens no segundo andar e contou a cada um deles sobre seu trabalho na Investigação Criminal e sua condenação. Sabia que seria impossível manter em segredo seu passado. Sempre que um novo prisioneiro chega à unidade, os outros rapidamente pedem a um parente do lado de fora para descobrir o motivo pelo qual o novato foi condenado.

Joona tem um relacionamento tranquilo com a maioria dos grupos da unidade, mas mantém distância da Irmandade e de seu líder, Reiner Kronlid. A Irmandade tem ligações com grupos de extrema direita e está envolvida em tráfico de drogas e esquemas ilegais de proteção a detentos em todos os grandes presídios.

No final do verão, Jooná havia incentivado dezenove prisioneiros a começar a estudar, em vários níveis. Eles formaram um grupo de apoio e, até agora, apenas dois deles haviam desistido.

A monotonia das rotinas faz todo o estabelecimento funcionar muito lentamente. Todas as portas das celas são abertas às oito da manhã e trancadas às oito da noite.

Assim que a trava automática se abre com um clique, todas as manhãs, Jooná sai da cela para tomar banho e café da manhã antes de todos os detentos rumarem para os túneis gelados que, tal qual um sistema de esgoto, ligam as diferentes partes da prisão.

Os homens passam pela bifurcação onde antes costumava ficar o armazém de suprimentos, agora fechado. Eles esperam as portas se abrirem, permitindo que avancem ainda mais túnel adentro.

Supersticiosos, os caras de Malmö passam a ponta dos dedos sobre o mural do jogador de futebol Zlatan Ibrahimović antes de seguir para a oficina de pintura com tinta em pó.

O grupo de estudo dirige-se à biblioteca. Jooná está no meio de um curso de horticultura, e Marko finalmente conseguiu seu certificado de conclusão do ensino médio. Seu queixo tremia quando ele disse que estava pensando em estudar ciências.

Esse poderia ter sido um dia como qualquer outro na prisão. Mas não será para Jooná, porque sua vida está prestes a dar uma guinada inesperada.

Jooná prepara a mesa na sala dos visitantes, posiciona xícaras e pires de café, alisa a toalha de mesa que ele estendeu e liga a cafeteira na pequena cozinha.

Quando ouve o tilintar das chaves na porta, ele se levanta e sente o coração bater mais depressa.

Valéria está vestindo uma blusa azul-marinho com bolinhas brancas e jeans preto. Seu cabelo castanho-escuro encaracolado está preso e cai em

espirais suaves.

Ela entra, para na frente de Jooná e ergue os olhos.

A porta se fecha com um clique da tranca.

Eles ficam um bom tempo entreolhando-se antes de sussurrarem um cumprimento.

— Ainda é uma sensação muito estranha toda vez que eu vejo você — Valéria diz timidamente.

Ela observa Jooná com olhos luminosos, fitando os chinelos com o logotipo da prisão, a camiseta cinza-azulada com mangas cor de areia, a calça larga gasta na altura dos joelhos.

— Não tenho muita coisa a oferecer — ele diz. — Apenas biscoitos recheados e café.

— Biscoitos recheados — ela assente e puxa levemente a calça para cima antes de se sentar em uma das cadeiras.

— Não são tão ruins — ele diz, e sorri de uma maneira que realça as covinhas nas bochechas.

— Como alguém pode ser tão fofo?

— A culpa é destas roupas — Jooná brinca.

— É claro — ela ri.

— Obrigado por sua carta. Eu a recebi ontem — ele diz, sentando-se do outro lado da mesa.

— Desculpe se fui um pouco atrevida — ela murmura e cora.

Jooná sorri, ela faz o mesmo e olha para baixo, antes de erguer os olhos novamente.

— Por falar nisso, é uma pena que tenham recusado seu pedido de saída temporária — Valéria diz, reprimindo outro sorriso de uma forma que faz seu queixo se enrugar.

— Vou tentar novamente daqui a três meses... sempre posso me candidatar a uma saída temporária para ressocialização — Jooná diz.

— Vai dar tudo certo — ela assente, procurando a mão dele sobre a mesa.

— Falei com a Lumi ontem — ele continua. — Ela acabou de ler *Crime e castigo* em francês... foi bom, ficamos conversando sobre livros, e eu esqueci que estava aqui... até acabar o tempo da ligação.

— Não me lembro de vocês terem conversado tanto assim antes.

— Se você espalhar ao longo de duas semanas, são apenas algumas palavras por hora.

Uma mecha de cabelo desliza sobre a bochecha de Valéria e ela balança a cabeça para afastá-la. Sua pele é acobreada, e ela tem profundas rugas de expressão nos cantos dos olhos. A pele fina sob seus olhos é cinza, e sob as unhas curtas ela tem vestígios de terra.

— Você costumava encomendar bolos de uma padaria lá fora — Jooná diz servindo café.

— Preciso começar a pensar na minha silhueta para quando você sair daqui — ela responde, com uma mão na barriga.

— Você está mais bonita do que nunca — Jooná diz.

— Você deveria ter me visto ontem — ela ri, os dedos compridos tocando uma margarida de esmalte pendurada em uma correntinha em volta do pescoço. — Eu estava na piscina ao ar livre em Saltsjöbaden, rastejando na chuva para preparar os canteiros.

— Cerejeiras de Yoshino, certo?

— Escolhi uma variedade que dá flores brancas, milhares delas. Elas são incríveis... todos os anos em maio, parece que uma tempestade de neve atinge apenas aquelas árvores minúsculas.

Jooná olha para as xícaras e os guardanapos azul-claros. A luz do lado de fora se derrama em faixas largas sobre a mesa.

— Como vão os seus estudos? — ela pergunta.

— Empolgantes.

— É estranho se instruir em algo novo? — ela pergunta, dobrando o guardanapo.

— Sim, mas de um jeito bom.

— Você ainda tem certeza de que não quer voltar ao trabalho policial?

Joona diz que sim com a cabeça e olha para a janela. Por entre as barras horizontais vê-se o vidro sujo. Sua cadeira range quando ele se recosta, desaparecendo na lembrança de sua última noite em Nattavaara.

— Em que você está pensando? — ela pergunta com uma voz séria.

— Nada — ele responde calmamente.

— Você está pensando na Summa — ela diz, sem rodeios.

— Não.

— Por causa do que eu disse sobre uma tempestade de neve.

Joona encontra os olhos cor de âmbar dela e assente. Ela tem a insólita habilidade de quase ler os pensamentos dele.

— Não existe nada mais silencioso do que a neve depois que o vento amaina — ele diz. — Você sabe... a Lumi e eu ficamos sentados com ela, segurando as mãos dela...

Joona relembra a estranha calma que tomou conta de sua esposa antes de ela morrer, e o silêncio absoluto que se seguiu.

Valéria se inclina sobre a mesa e afaga a bochecha dele sem dizer nada. Ele pode ver a tatuagem no ombro direito dela através do tecido fino da blusa.

— Nós vamos superar isso, não vamos? — ela pergunta em voz baixa.

— Nós vamos superar isso — ele assente.

— Você não vai partir meu coração, vai, Joona?

— Não.

Depois que Valéria vai embora, Jooná sente uma alegria prolongada. É como se a cada visita ela lhe trouxesse um pedacinho da vida.

Ele quase não tem espaço em sua cela, mas quando se posiciona entre a mesinha e a pia, tem o suficiente para praticar golpes de boxe e aprimorar suas técnicas de combate militar. Ele se move de forma lenta e sistemática, pensando nas intermináveis planícies dos Países Baixos, onde recebeu seu treinamento.

Jooná não sabe há quanto tempo está treinando, mas o céu está tão escuro que, quando a fechadura clica e a porta da cela se abre, o muro amarelo que cerca o presídio não é mais visível através da janela gradeada.

Dois guardas que ele nunca viu estão parados na porta, olhando-o com expressão bastante ansiosa.

Jooná supõe que deve ser uma revista. Alguma coisa aconteceu, talvez uma tentativa de fuga na qual suspeitem que ele esteja envolvido.

— Você vai falar com um advogado de defesa — um dos guardas anuncia.

— Por quê?

Sem responder, eles algemam suas mãos e o levam para fora da cela.

— Não solicitei uma reunião — Jooná alega.

Eles descem juntos as escadas e avançam pelo longo corredor. Um guarda da prisão passa por eles em silêncio e desaparece.

Jooná se pergunta se eles descobriram que Valéria vem usando os documentos de identidade da irmã dela quando o visita. Ela tem seu próprio histórico de antecedentes criminais, e não receberia permissão para vê-lo se usasse o próprio nome.

A cor e o estilo das imagens ao longo das paredes vão mudando. A iluminação severa mostra o desmazelo do degradado piso de concreto.

Os guardas conduzem Joona através de portas blindadas e câmaras de ar de segurança. Precisam mostrar várias vezes o mandado autorizando o deslocamento do detento. Mais fechaduras se abrem com um zunido, e eles avançam até uma seção com a qual Joona não está familiarizado. No outro extremo do corredor, dois homens estão de guarda do lado de fora de uma porta.

Joona imediatamente reconhece que são agentes da Polícia de Segurança. Sem olhar para Joona, eles abrem a porta.

A sala mal iluminada está completamente vazia, exceto por duas cadeiras de plástico. Uma delas já está ocupada por um homem.

Joona fica parado no meio da sala.

A luz da lâmpada do teto baixo não atinge o rosto do homem. Ela se detém nos vincos de sua calça bem passada e nos sapatos pretos, a lama úmida visível sob as solas dos pés.

Há algo brilhando na mão direita dele.

Quando a porta se fecha atrás de Joona, o homem se levanta, dá um passo à frente na luz e enfia os óculos de leitura no bolso do paletó.

Só então Joona vê seu rosto.

É o primeiro-ministro da Suécia.

Seus olhos estão imersos na penumbra, e a sombra de seu nariz pontudo desce como uma pincelada de tinta preta sobre sua boca.

— Este encontro nunca aconteceu — o primeiro-ministro diz com a voz rouca característica. — Eu não estive pessoalmente com você, e você não me conhece. Aconteça o que acontecer, você dirá às pessoas que teve uma reunião com seu advogado de defesa.

— Seu motorista não fuma — Joona diz.

— Não — o outro responde, surpreso.

Antes de continuar, o primeiro-ministro, meio atordoado, leva a mão em direção ao nó da gravata.

— Ontem à noite, o ministro das Relações Exteriores do meu governo foi assassinado na casa dele. A versão oficial é que morreu após padecer de uma breve doença, mas na verdade estamos lidando com um ataque terrorista.

O nariz do primeiro-ministro brilha de suor, e as bolsas sob os olhos estão escuras. A pulseira de couro que carrega o alarme de emergência desliza por seu pulso enquanto ele puxa a outra cadeira de plástico para Jooná.

— Jooná Linna. Farei a você uma proposta extremamente não ortodoxa, uma oferta válida apenas para aqui e agora.

— Estou ouvindo.

— Um detento do Presídio Hall será transferido e colocado em sua unidade. O nome dele é Salim Ratjen. Ele foi condenado por crimes relacionados a tráfico de drogas, mas absolvido da acusação de assassinato... as evidências sugerem que ele ocupa uma posição central em uma organização terrorista e pode até mesmo ser o responsável pela execução do ministro das Relações Exteriores.

— Informações básicas?

— Aqui — o primeiro-ministro entrega a Jooná uma pasta fina.

Jooná se senta na cadeira e pega a pasta com as mãos algemadas. O plástico range quando ele se recosta no espaldar. Enquanto lê, nota que o primeiro-ministro continua checando o celular.

Jooná examina o relatório da cena do crime, os resultados do laboratório e a entrevista com a testemunha, a mulher que diz ter ouvido o assassino dizer que Ratjen havia aberto as portas para o inferno. O relatório termina com gráficos do tráfego de comunicações via telefone e a ordem do xeique Ayad al-Jahiz de que os líderes ocidentais fossem perseguidos e tivessem o rosto destruído por balas.

— Há muitas lacunas — Jooná diz, devolvendo a pasta.

— É apenas um relatório preliminar. Ainda faltam muitos resultados de testes e...

— Lacunas que foram deixadas de propósito — Joona o interrompe.

— Eu não sei nada a respeito disso — o primeiro-ministro diz, colocando o celular de volta no bolso interno do paletó.

— Houve outras vítimas?

— Não.

— Há algum indício que sugira que mais ataques estão planejados?

— Acho que não.

— Por que o ministro das Relações Exteriores? — Joona pergunta.

— Ele estava fazendo pressão por uma ação coordenada antiterrorismo na Europa.

— O que eles ganham matando o ministro?

— Estamos diante de um claro ataque contra o próprio coração da democracia — o primeiro-ministro continua. — E eu quero as cabeças desses terroristas na porra de uma bandeja, com o perdão da expressão. Trata-se de uma questão de justiça, de agir com firmeza. Eles não podem e não vão nos assustar. É por isso que estou aqui, para perguntar se você está disposto a se infiltrar na organização de Salim Ratjen de dentro da prisão.

— Eu presumi isso. Agradeço sua confiança em mim, mas o senhor precisa entender que construí uma vida aqui. Não foi fácil, porque as pessoas conhecem meu passado, mas com o tempo descobriram que podem confiar em mim.

— Estamos falando de segurança nacional aqui.

— Não sou mais policial.

— Se você fizer isso, a Polícia de Segurança anulará sua condenação e você receberá liberdade condicional.

— Não estou interessado.

— Foi assim que ela disse que você reagiria — o primeiro-ministro afirma.

— Saga Bauer?

— Ela disse que você não ouviria nenhuma oferta da Polícia de Segurança... por isso decidi vir pessoalmente.

— Eu estaria mais inclinado a considerar a hipótese de aceitar o trabalho se não achasse que o senhor está ocultando de mim informações essenciais.

— O que há para esconder? O alto escalão da Polícia de Segurança acha que você pode ajudá-los a identificar o contato de Salim Ratjen do lado de fora.

— Sinto muito que o senhor tenha perdido seu tempo — Joona diz, depois se levanta e começa a caminhar em direção à porta.

— Eu posso obter o perdão oficial para você e anular sua pena — o primeiro-ministro diz às costas de Joona.

— Isso exigiria a aprovação do governo — Joona diz, dando meia-volta.

— Eu sou o primeiro-ministro.

— Enquanto julgar que não estou recebendo todas as informações disponíveis, terei que recusar — Joona repete.

— Como é que você pode alegar não ter conhecimento daquilo que não sabe? — o primeiro-ministro pergunta, obviamente irritado.

— Sei que o senhor está sentado aqui, embora devesse estar em Bruxelas para uma reunião do Conselho Europeu — Joona diz. — Sei que o senhor deixou de fumar há oito anos, mas agora sofreu uma recaída, a julgar pelo cheiro de suas roupas e pela lama dos seus sapatos.

— Lama nos meus sapatos?

— O senhor é um homem cortês e, como seu motorista não fuma, saiu do carro para fumar um cigarro.

— Mas...

— Eu notei que o senhor checou seu telefone onze vezes, mas não respondeu a nenhuma mensagem, então sei que há algo faltando, porque naquele relatório que eu li não há nada que indique uma urgência real.

Pela primeira vez, o primeiro-ministro parece sem palavras. Ele esfrega o queixo e parece estar pensando muito.

— Acreditamos estar lidando com planos para uma série de assassinatos — ele diz, por fim.

— Um número? — Jooná repete.

— A Polícia de Segurança removeu isso do relatório, mas parece haver três assassinatos planejados, pelo menos para começar, e acredita-se que o próximo deverá ocorrer na quarta-feira. Por isso a urgência.

— Quem são os alvos prováveis desses ataques?

— Não sabemos ao certo, mas as informações que temos sugerem execuções precisas e bem planejadas.

— Políticos?

— Provavelmente.

— E o senhor acha que pode ser um deles? — Jooná pergunta.

— Pode ser qualquer um — o primeiro-ministro se apressa em responder. — Mas fui levado a acreditar que você é a nossa melhor opção e espero que aceite o trabalho. E se você realmente conseguir descobrir informações que ajudem a impedir esses terroristas, tomarei providências para que recupere sua antiga vida.

— O senhor não é capaz de fazer isso — Jooná responde.

— Escute, você tem que fazer isso — o primeiro-ministro diz. Jooná pode ver que ele está realmente assustado.

— Se o senhor conseguir que a Polícia de Segurança coopere totalmente comigo, prometo identificar as pessoas responsáveis.

— E você entende que isso deve acontecer antes de quarta-feira...? É quando eles vão matar o próximo alvo — o primeiro-ministro diz.

O Caçador de Coelhos caminha inquieto de um lado para o outro no grande contêiner de transporte, sob o clarão oblíquo da luz fluorescente do teto.

Ele para na frente de alguns caixotes abertos e um galão de gasolina. Pressiona os dedos na têmpora esquerda e tenta acalmar a respiração.

Checa o celular.

Sem mensagens.

Quando volta até seu equipamento, pisa em um mapa laminado de Djursholm aberto no chão.

Ele colocou suas pistolas, facas e rifles empilhados em cima de uma mesa velha. Algumas armas estão sujas e gastas, outras ainda estão na embalagem original.

Há um monte de ferramentas enferrujadas e velhos frascos de vidro cheios de molas e percussores, cartuchos de reserva, rolos de sacos de lixo pretos, fita adesiva, sacos de braçadeiras, machados e uma faca Emerson de lâmina larga, com a ponta afiada feito uma seta.

Ele empilhou contra a parede caixas contendo diferentes tipos de munição. No topo de três delas há fotografias de três pessoas.

Muitas dessas caixas ainda estão fechadas, mas a tampa foi arrancada de uma caixa de munição de 5,56 por 45 milímetros, e em outra há impressões digitais ensanguentadas.

O Caçador de Coelhos enfia uma caixa de balas de nove milímetros numa sacola plástica de supermercado amarrotada. Examina um machado de cabo curto e o enfia também na sacola, depois deixa a coisa toda cair no chão, com um estrépito metálico.

Ele estende a mão, pega uma das pequenas fotografias e a posiciona na borda de uma das nervuras de metal do contêiner, mas ela cai.

Ele coloca a foto de volta com cuidado e olha para o rosto com um sorriso: a expressão alegre da boca, o cabelo despenteado. Inclina-se para a frente e olha nos olhos do homem, e decide que vai cortar suas pernas e vê-lo rastejar como um caramujo no rastro do próprio sangue.

E depois assistirá às tentativas desesperadas do filho do homem de amarrar torniquetes nas pernas do pai, em um esforço para salvar sua vida; talvez permita que o filho estanque o jorro de sangue do pai, até que por fim ele irá até lá e rasgará a barriga do homem.

A fotografia cai novamente e se enfia por entre as armas.

Ele solta um rugido e derruba a mesa inteira, fazendo rolar pelo chão pistolas, facas e munições, com um tinido estridente.

Os potes de vidro se despedaçam em uma cascata de estilhaços e peças.

O Caçador de Coelhos se encosta na parede, ofegante. Ele se lembra da antiga área industrial que ficava entre a rodovia e a estação de tratamento de esgoto. A tipografia e os armazéns tinham sido destruídos em um incêndio, e sob os alicerces de um velho chalé havia um vasto labirinto de tocas de coelhos.

Na primeira vez que ele montou a armadilha, dez coelhos ficaram presos, todos exaustos, mas ainda estavam vivos quando ele os esfolou.

Ele recupera o controle de si mesmo. Está calmo e focado novamente. Sabe que não pode ceder a sua raiva, não pode mostrar seu rosto hediondo, nem mesmo quando está sozinho.

É hora de ir.

Ele lambe os lábios e depois pega do chão uma faca, junto com duas pistolas, uma Springfield e uma Glock 19 encardida. Adiciona dentro da sacola plástica outra caixa de munição e quatro carregadores de reserva.

O Caçador de Coelhos sai para o ar fresco da noite. Fecha a porta do contêiner, desliza sobre ela a barra de ferro e tranca o cadeado, depois caminha na direção do carro atravessando o capim alto. Quando abre o

porta-malas, sai uma nuvem de moscas. Ele joga dentro a sacola com armas, ao lado de um saco de lixo com carne podre, fecha a porta e se vira para a floresta.

Ele fita as árvores altas, evoca o rosto impresso na fotografia e tenta expulsar da cabeça aquela cantiga infantil.

Na sede do Exército da Salvação, no número 69 da rua Östermalms, está em andamento um almoço privativo. Doze pessoas juntaram três mesinhas para formar uma mesa comprida e agora estão sentadas tão perto umas das outras que podem ver o cansaço e a tristeza estampados em seus respectivos rostos. A luz do dia cintila nos móveis de madeira clara e na tapeçaria dos apóstolos pescando.

Numa das pontas está sentado Rex Müller, que veste um paletó sob medida e calça de couro preta. Ele tem cinquenta e dois anos e ainda é bonito, apesar do cenho franzido e das bolsas inchadas sob os olhos.

Todo mundo olha para Rex enquanto ele pousa a xícara de café de volta no pires e passa a mão pelo cabelo.

— Meu nome é Rex e geralmente não digo nada, apenas fico sentado e escuto — ele começa e depois esboça um sorrisinho constrangido. — Realmente não sei o que vocês querem que eu diga.

— Conte pra gente por que você está aqui — diz uma mulher com rugas tristes em torno da boca.

— Sou um bom chef de cozinha — ele continua, e limpa a garganta. — E na minha linha de trabalho, a pessoa precisa saber sobre vinho, cerveja, entender de vinhos fortificados, destilados, licores e assim por diante... não sou alcoólatra. Talvez eu beba um pouco demais. Às vezes faço coisas estúpidas, embora vocês não devam acreditar em tudo que sai publicado nos jornais.

Ele faz uma pausa, abre um sorriso e dá uma olhada nos outros, mas eles se limitam a esperar que continue.

— Estou aqui porque meu patrão insistiu, caso contrário vou perder meu emprego... e eu gosto do meu trabalho.

Rex esperava provocar gargalhadas, mas todos estão olhando para ele em silêncio.

— Eu tenho um filho. Ele já está crescido, no último ano do ensino médio... e uma das coisas de que eu provavelmente deveria me arrepender na vida é não ser um bom pai. Aliás, não tenho sido nem sequer um pai de verdade. Sempre estive presente nos aniversários e coisas do tipo, mas... a realidade é que eu não queria ter filhos, não era maduro o suficiente para...

Sua voz falha no meio da frase e, para sua surpresa, ele sente lágrimas brotando nos olhos.

— Tudo bem, eu sou um idiota, vocês já devem ter percebido — ele diz baixinho, e em seguida respira fundo. — É o seguinte: a minha ex, ela é maravilhosa, não existem muitas pessoas que possam dizer isso sobre a ex, mas a Verônica é sensacional... e agora ela foi escolhida a dedo para desenvolver um grande projeto sobre assistência médica gratuita em Serra Leoa, mas está pensando em recusar a proposta.

Rex sorri ironicamente para os outros.

— Ela é perfeita pro trabalho... então eu disse a ela que estava tentando me manter sóbrio e que o Sammy pode morar comigo enquanto ela estiver fora. Desde que comecei a vir a estas reuniões, ela acredita que comecei a mostrar mais responsabilidade... e agora está embarcando em sua primeira viagem para Freetown.

Ele enterra os dedos no cabelo preto bagunçado e se inclina para a frente.

— O Sammy passou por maus bocados. Provavelmente é minha culpa, não sei, a vida dele é muito diferente da minha... nem por um minuto penso que posso consertar nosso relacionamento, mas estou realmente ansioso para conhecê-lo um pouco melhor.

— Obrigada por compartilhar — uma das mulheres diz em voz baixa.

Rex Müller passou os últimos dois anos como chef residente em um popular programa matinal na TV4. Ganhou medalha de prata no concurso Bocuse d'Or, trabalhou com Magnus Nilsson no restaurante Fäviken Magasinet, publicou três livros de receitas e, no outono passado, assinou um lucrativo contrato com a rede de restaurantes Grupp F12, tornando-se o chef principal do Smak.

Depois de passar três horas no novo restaurante, ele entrega o comando das coisas a Eliza, sua *sous chef*, veste uma camisa e terno azul e segue para a inauguração de um novo hotel em Hötorget. É fotografado com o músico e DJ Avicii e em seguida pega um táxi para Dalarö a fim de se reunir com seus sócios.

David Jordan Andersen — ou DJ, como todo mundo o chama — tem trinta e três anos e montou a empresa de produção e marketing de conteúdo que comprou os direitos da culinária de Rex. Em três anos, elevou o status de Rex de um dos principais chefs do país a genuína celebridade.

Agora Rex entra a passos impetuosos no restaurante do Dalarö Strand Hotel, aperta a mão de DJ e se senta à sua frente.

— Achei que a Lyra estava pensando em vir — Rex diz.

— Ela foi encontrar os amigos da escola de arte.

Com sua barba loira hirsuta e olhos azuis, DJ parece um viking moderno.

— A Lyra achou que eu fui muito chato da última vez? — Rex pergunta com uma careta.

— Você *foi* muito chato da última vez — DJ responde sem papas na língua. — Você não precisa dar uma palestra ao cozinheiro toda vez que vai a um restaurante.

— Era para ser uma piada.

O garçom chega com os aperitivos. Ele se demora um pouco, depois enrubesce quando pergunta a Rex se ele importaria em dar um autógrafo à equipe da cozinha.

— Isso depende da comida — Rex responde em tom sério. — Não suporto quando uma emulsão de limão tem gosto de confeitos.

O garçom permanece ao lado da mesa, sorrindo sem jeito, enquanto Rex pega a faca e o garfo e corta um pedaço de aspargo grelhado.

— Calma — DJ o bajula, passando a mão na barba loira.

Rex mergulha um pedaço de salmão defumado no molho de limão, cheira e depois prova, mastigando com um olhar de intensa concentração. Por fim, pega uma caneta e escreve no verso do cardápio: *Meus parabéns aos chefs do Dalarö Strand Hotel. Atenciosamente, Rex.*

O garçom agradece e volta correndo para a cozinha com um olhar de alegria fingida no rosto.

— Está realmente tão bom? — DJ pergunta em voz baixa.

— Está razoável — Rex responde.

DJ se inclina sobre a mesa, enche de água o copo de Rex e depois empurra a cesta de pão em sua direção. Rex toma um gole e olha para um enorme iate que zarpa da marina para o mar aberto.

Chegam os pratos de arenque gratinado, cebolas roxas salteadas e purê de batatas.

— Você verificou se está livre no próximo fim de semana? — DJ pergunta timidamente.

— É quando temos um encontro com os investidores? — Rex quer saber.

Faz um ano que Rex e sua equipe estão trabalhando na produção das primeiras peças de um conjunto de utensílios de cozinha com o nome do famoso chef.

São produtos de muito boa qualidade, design elegante a um preço razoável e destinam-se à “realeza da cozinha”. Para quem é o *Rex da Cozinha*.

— Pensei que poderíamos passar algum tempo com eles, fazer uma refeição decente. É realmente importante que eles se sintam especiais — DJ explica.

Rex assente e corta um pedaço de arenque, depois estende a mão sobre a mesa para pegar o copo de cerveja gelada de DJ.

— Rex?

— Ninguém precisa saber — ele diz com uma piscadela.

— Não faça isso — DJ pede, calmamente.

— Você também vai começar? — Rex diz, sorrindo, e abaixa o copo. — Estou sóbrio, mas isso é bastante ridículo. Sem nem me perguntar, todo mundo simplesmente decidiu que eu tenho um problema.

Eles terminam a refeição, pagam e vão a pé até o cais do hotel, onde o barco a motor de DJ, um Sea Ray Sundancer que já viu dias melhores, está atracado.

É um começo de noite quente, bonito de um jeito quase impossível. A água está imóvel, o sol se põe devagar, e seus raios luminosos tingem de dourado as nuvens.

Eles soltam as amarras e se afastam lentamente do píer, balançando na esteira de outra embarcação. Manobram para entrar com cuidado no canal principal. A encosta do lado da marina está repleta de casas de madeira ornamentadas.

— Como está sua mãe? — Rex pergunta, sentando-se ao lado de DJ no banco de couro branco.

— Um pouco melhor, na verdade — ele responde, acelerando ligeiramente. — Os médicos trocaram os remédios e agora ela não está se sentindo tão mal.

A voz dele é abafada pelo barulho do motor quando eles chegam ao mar aberto. A espuma branca rodopia atrás deles, a proa se eleva e o casco golpeia as ondas. Eles continuam acelerando, e o barco começa a aplanar e dispara, rompendo as águas.

Rex se levanta e, cambaleante, começa a puxar os esquis aquáticos que estão encaixados atrás dos assentos.

— Você não vai tirar o terno? — DJ grita.

— O quê?

— Vai ficar encharcado.

— Eu não vou cair na água! — Rex responde, aos gritos.

Ele começa a desenrolar a corda e sente o celular vibrar no bolso do paletó. É Sammy, e Rex gesticula para DJ diminuir a velocidade.

— Alô?

Ele pode ouvir música e vozes ao fundo.

— Oi, pai — Sammy diz, com o telefone muito perto da boca. — Só estou ligando para ver o que você está fazendo hoje à noite.

— Onde você está?

— Em uma festa, mas...

A onda levantada por um imenso iate faz Rex balançar. Ele perde o equilíbrio e se senta na almofada de couro branco.

— Você está se divertindo? — ele pergunta.

— O quê?

— Estou em Dalarö com o DJ, mas na geladeira tem um pouco do linguado que sobrou de ontem à noite... você pode comer frio ou aquecer no forno por alguns minutos.

— Não estou te ouvindo — Sammy diz.

— Não vou me atrasar — Rex tenta gritar.

Ele pode ouvir música alta no telefone, o baque de uma pesada linha de baixo e uma mulher gritando alguma coisa.

— Te vejo mais tarde — Rex diz, mas a linha já está muda.

É tarde da noite quando o táxi desce a rua Rehns e para em frente a uma porta de madeira ornamentada. Rex pegou emprestadas algumas roupas secas de DJ e colocou seu terno molhado em um saco de lixo preto. Ele confirmou presença em um programa de TV na manhã seguinte e deveria estar dormindo há horas.

Rex entra, e está tremendo quando aperta o botão do elevador, que não se move. Ele dá um passo à frente e espia dentro do poço. A cabine está parada no quinto andar. Há um som de rangido e raspagem. Os cabos estão balançando e ele se pergunta se alguém está se mudando no meio da noite.

Rex espera um pouco mais e começa a subir as escadas, a sacola com as roupas molhadas atirada por cima do ombro, como se fosse o Papai Noel.

Quando chega à metade do caminho, ouve o estalo metálico do elevador que começa a se movimentar de novo. A cabine passa por ele no terceiro andar e, pela grade, ele pode ver que está vazia.

Rex chega ao último andar, coloca o saco no chão e recobra o fôlego. Quando enfia a chave na fechadura, ouve o elevador voltar e parar no seu andar.

Sammy?

As portas se abrem, mas a cabine está vazia. Alguém deve ter pressionado o botão do sexto andar e depois saiu.

Rex percorre o apartamento sem acender as luzes, imaginando se vale a pena verificar se Sammy deixou algum pedaço de linguado antes de ir para a cama. O piso reluz, prateado, na escuridão, e, através da porta de vidro do terraço, Rex avista o tapete de luzes espalhado pela cidade.

Rex abre a geladeira, mal tem tempo de registrar que Sammy nem tocou no peixe, e seu celular toca.

— Rex falando — ele responde com voz rouca.

O receptor crepita. Ele pode ouvir ao fundo música pesada e alguém choramingando.

— Pai? — uma voz sussurra.

— Sammy? Pensei que você estivesse em casa agora.

— Não estou me sentindo muito bem — o filho balbucia.

— O que aconteceu?

— Perdi minhas coisas, e o Nico está chateado comigo... eu não sei. Pelo amor de Deus, porra, quer parar com essa merda? — ele diz para alguém do outro lado da linha.

— Sammy, o que está acontecendo?

Rex não consegue ouvir o que o filho diz, porque a voz dele é engolida pelo barulho, e em seguida há o som de pratos quebrando e um homem começa a gritar.

— Sammy? Me diga onde você está e eu vou te buscar.

— Você não precisa...

Há um barulho alto, como se Sammy tivesse deixado o telefone cair no chão.

— Sammy? — Rex grita. — Me diga onde você está!

Uma barulheira de estalidos, e por fim Rex ouve alguém pegar o telefone de novo.

— Venha buscar esse cara antes que eu fique realmente de saco cheio dele — diz uma mulher com voz grave.

Com o coração disparado, Rex anota o endereço, chama um táxi e desce as escadas. Quando sai ao ar livre, tenta ligar de novo para Sammy, mas não obtém resposta. Ele tenta pelo menos mais dez vezes antes de o táxi parar em frente ao prédio.

O endereço que a mulher lhe deu fica em Östermalm, a parte mais rica de Estocolmo, mas Rex constata que o prédio na rua Kommendörs é

um alojamento público da década de 1980.

Uma porta no andar térreo despeja música alta. Na caixa do correio há um pedaço de fita adesiva em que se lê: “Mais anúncios, por favor”.

Rex toca a campainha, depois gira a maçaneta, abre a porta e fita um pequeno corredor atulhado de sapatos. Música alta reverbera pelas paredes. O apartamento cheira a fumaça de cigarro e vinho tinto. Há uma pilha de casacos amontoados no corredor cujo assoalho de madeira está bem gasto. Rex entra na cozinha mal iluminada e olha em volta. O balcão está apinhado de garrafas de cerveja vazias. Dentro de uma panela há restos ressecados de um ensopado de feijão, e a pia transborda de pratos e cinzeiros improvisados.

Um homem todo vestido de preto, usando maquiagem pesada, está sentado no chão da cozinha, bebendo de uma garrafa de plástico. Uma jovem de short jeans e sutiã rosa brilhante vai cambaleando até o balcão, abre um dos armários e pega um copo. O cigarro entre seus lábios balança enquanto ela se concentra em encher seu copo com vinho de uma caixa.

A moça bate as cinzas do cigarro na pilha de pratos sujos quando Rex passa por ela. Lentamente ela exala uma coluna de fumaça, seguindo Rex com os olhos.

— Ei, chef, você pode fazer uma omelete? — ela diz com um sorriso.

— Eu adoraria a porra de uma omelete agora.

— Você sabe onde está o Sammy? — ele pergunta.

— Acho que sei basicamente tudo — ela responde, entregando-lhe o copo de vinho.

— Ele ainda está aqui?

Ela faz que sim com a cabeça e pega outro copo do armário. Um gato preto pula no balcão e começa a lamber pedaços de comida de uma faca de cozinha.

— Quero dormir com uma celebridade — ela graceja, e começa a rir sozinha.

Ele empurra uma cadeira para poder passar pela mesa da cozinha e sente a jovem abraçar sua cintura. O peso do corpo dela faz Rex se inclinar para a frente.

— Vamos entrar e acordar a Lena, aí a gente pode fazer sexo a três — a mulher murmura, pressionando o queixo contra as costas dele.

Rex coloca o copo sobre a mesa, remove as mãos dela da cintura, vira-se e olha para o rosto bêbado e sorridente.

— Estou aqui apenas para buscar meu filho — ele explica, e se vira para olhar a sala de estar.

— De qualquer forma, eu só estava brincando. Na verdade, eu não quero sexo, só quero *amor* — ela diz, e o solta.

— Melhor você ir embora pra casa.

Rex se espreme entre uma cadeira alta e uma cama de lona dobrada. Dois copos tilintam um contra o outro no ritmo da música.

— Eu quero um papai — ele a ouve murmurar enquanto entra na sala de estar.

Em um sofá xadrez, um homem com uma longa cabeleira grisalha está ensinando um rapaz a cheirar cocaína. Alguém trouxe uma caixa de enfeites de Natal. No chão há colchões, encostados nas paredes. Um homem corpulento, com a calça aberta, está sentado com as costas apoiadas na parede, tocando violão.

Rex avança por um corredor estreito com o chão todo riscado de arranhões. Espia dentro de um quarto onde uma mulher está dormindo apenas de calcinha, com o braço tatuado por cima do rosto.

Na cozinha, um homem ri e grita em voz alta.

Rex se detém e aguça os ouvidos. Ele escuta baques e suspiros vindos de muito perto. Dá outra espiada no quarto e seu olhar vai parar entre as pernas da mulher. Ele se vira.

A porta do banheiro está entreaberta, sua luz fraca escoando pelo corredor.

Rex se afasta para o lado e avista um esfregão e um balde na frente de uma máquina de lavar.

Ele ouve mais uma vez os suspiros quando se aproxima do banheiro. Estende a mão e empurra delicadamente a porta, e vê seu filho ajoelhado na frente de um homem narigudo e com profundas rugas em volta da boca entreaberta. O rosto de Sammy está suado e seu rímel escorreu. Com uma das mãos ele está segurando o pênis ereto do homem e o enfia na boca. Um brinco de pérola negra bate contra sua bochecha.

Rex recua quando vê o homem passar os dedos pelo cabelo descolorido de Sammy e agarrá-lo com força.

Rex ouve berros vindos do corredor.

Ele dá meia-volta e retorna para a sala, tentando recuperar o fôlego enquanto é invadido pelo impacto de ondas de emoções conflitantes.

— Ah, meu Deus — ele suspira, e tenta sorrir de sua própria reação.

Sammy é adulto, e Rex sabe que ele não quer ser definido por sua sexualidade. Ainda assim, está extremamente constrangido por ter dado de cara com uma situação tão íntima.

No sofá xadrez, o homem de cabelo comprido e grisalho enfiou a mão por baixo da camiseta do jovem.

Rex precisa ir embora para casa e dormir um pouco. Ele espera alguns segundos, limpa a boca e depois se dirige ao banheiro novamente.

— Sammy? — Rex chama antes de entrar. — Você está aí?

Dentro do banheiro, alguma coisa cai, tilintando na pia. Rex espera alguns segundos antes de chamar de novo o nome do filho.

Pouco depois a porta se abre e Sammy sai, vestido com um jeans apertado e uma camisa floral desabotoada. Com uma das mãos ele se apoia na parede. Suas pálpebras estão caídas e seu olhar está desfocado.

— O que você está fazendo aqui? — ele balbucia.

— Você me ligou.

Sammy levanta os olhos, mas parece não entender o que Rex está dizendo. Seus olhos estão borrados de rímel e suas pupilas estão dilatadas.

— Mas que merda está acontecendo? — o homem no banheiro pergunta, aos berros.

— Eu estou indo, eu só... só...

Sammy perde o equilíbrio e quase cai.

— Vamos pra casa — Rex diz.

— Eu tenho que voltar pro Nico. Ele vai ficar bravo se...

— Você fala com ele amanhã — Rex o interrompe.

— O quê? O que você disse?

— Eu sei que você tem sua própria vida, não estou tentando brincar de ser seu pai. Eu posso te dar dinheiro para um táxi, se você quiser ficar

— Rex diz, tentando suavizar o tom de voz.

— Eu... é melhor eu dormir um pouco.

Rex tira a jaqueta, cobre os ombros do filho e começa a levá-lo para fora do apartamento e do prédio.

Quando chegam à rua, o céu já começa a clarear e os pássaros estão cantando alto. Sammy dá passos vagarosos. Sua fraqueza é assustadora.

— Você aguenta ficar de pé enquanto eu chamo um táxi? — Rex pergunta.

Seu filho assente e se encosta com todo o peso do corpo na parede. Seu rosto está extremamente pálido. Ele enfia o dedo na boca e inclina a cabeça para a frente.

— Eu... eu estou...

— A gente não pode simplesmente tentar passar essas três semanas juntos? — Rex sugere.

— O quê?

Sammy engole em seco, enfia o dedo na boca novamente e parece estar prestes a vomitar.

— O que está acontecendo, Sammy?

Seu filho ergue os olhos e arqueja, pelejando para respirar. Seus olhos reviram e ele desaba na calçada, batendo a cabeça contra uma caixa de eletricidade.

— Sammy! — Rex grita e tenta ajudá-lo.

A cabeça do rapaz está sangrando e seus olhos boiam por trás das pálpebras semicerradas.

— Olhe pra mim! — Rex grita, mas o filho não responde. Seu corpo está completamente inerte.

Rex o coloca no chão de novo e escuta seu peito. O coração dele está batendo rápido, mas sua respiração é muito lenta.

— Puta que pariu — Rex murmura enquanto tateia os bolsos à procura do celular.

Suas mãos estão tremendo enquanto tenta chamar uma ambulância.

— Não morra, você não pode morrer — ele sussurra enquanto espera atenderem a ligação.

O celular toca, fazendo Rex pular com tanta violência que seu braço dá um solavanco e ele bate a mão contra as costas do sofá. Ele se levanta e limpa a boca. O céu do lado de fora das janelas do hospital está pálido como um pergaminho. Ele deve ter cochilado.

Não sabe ao certo quanto tempo demorou a lavagem gástrica de Sammy. Repetidas vezes despejaram água através de um tubo enfiado na garganta e a aspiraram de volta usando uma enorme seringa. Sammy continuou agitando os braços frouxamente, na tentativa de remover o tubo, e choramingou quando os restos do vinho tinto e dos comprimidos saíram dele.

O celular de Rex ainda está tocando e, quando ele pega a jaqueta, o aparelho escorrega para fora do bolso e cai no chão.

Rex rasteja atrás dele e atende de quatro:

— Alô — ele sussurra.

— Por favor, Rex — a produtora do programa diz, e pelo tom de voz está estressada e irritada. — Diga-me que você está sentado em um táxi.

— Ainda não chegou — Rex consegue dizer.

É domingo. Rex cozinha ao vivo na TV4 todos os domingos. É impossível que ele tenha esquecido, mas não faz ideia de que horas são.

O piso de linóleo e as luzes elétricas desaparecem na escuridão quando Rex se levanta. Encostado no sofá, ele tenta explicar que quer uma imagem dos ingredientes crus no telão e um close quando refogar o camarão.

— Você deveria estar na sala de maquiagem agora — a produtora diz.

— Eu sei — Rex concorda. — Mas o que posso fazer se o táxi não chega?

— Ligue para outro táxi — ela suspira e desliga.

Uma enfermeira passa por ele no corredor e lhe lança um olhar indecifrável. Rex se apoia na parede, fita o celular para ver que horas são e depois chama um táxi.

Ele pensa no rosto de Sammy quando ingeriu a solução de carvão vegetal ativado que decompõe e absorve substâncias tóxicas no intestino. Rex sentou-se com ele, limpando a testa úmida do rapaz com uma toalha molhada, dizendo-lhe o tempo todo que tudo ficaria bem. Por volta das seis da manhã, colocaram Sammy no soro e o deitaram na cama, garantindo a Rex que o filho estava fora de perigo. Rex foi se sentar em um sofá no corredor, de onde poderia ouvir Sammy caso ele o chamasse.

Ele acordou quarenta minutos depois, quando o celular tocou.

Rex dá passos rápidos até a porta e olha para o filho, que ainda está dormindo profundamente. Sua maquiagem foi lavada e seu rosto está muito pálido. O curativo sobre a cânula em seu braço se dobrou. O tubo e a bolsa de infusão pela metade estão brilhando à luz do sol da manhã. A barriga do rapaz sobe e desce no ritmo da respiração.

Rex corre para os elevadores; no instante em que aperta o botão verde, a gerente de compras do grupo TV4 liga.

— Estou sentado no táxi agora — ele responde, exatamente quando o mecanismo do elevador entra em ação.

— Devo me preocupar? — Sylvia Lund pergunta.

— Não há necessidade. Eles apenas confundiram os horários das atrações do programa.

— Você deveria ter entrado na maquiagem há vinte minutos — ela diz cautelosamente.

— Estou chegando. Estou a caminho agora. Já estamos em Valhallavägen.

Ele encosta a testa no espelho do elevador e sente as pontadas da exaustão que o alcançou.

O táxi está esperando junto à entrada do setor de emergência do hospital. Rex entra no banco de trás e fecha os olhos. Tenta tirar uma breve soneca durante o curto percurso, mas não consegue parar de pensar no que aconteceu. Ele vai ter que ligar para a mãe de Sammy, Verônica.

Pelo que Rex entendeu, Sammy será encaminhado a um psicólogo, que o avaliará quanto a sinais de abuso de substâncias e tendências suicidas.

O carro faz uma curva e para em frente ao prédio da TV4. Rex paga, sem se preocupar em esperar por um recibo. Entra pela porta de vidro.

Sylvia corre em sua direção. O rosto dela está perfeitamente maquiado, o cabelo arrumado com secador em um penteado que faz os cachos caírem em direção ao pescoço e à mandíbula.

— Você não fez a barba — ela diz.

— Não fiz? Eu esqueci — ele mente, afagando o queixo.

— Deixe-me olhar para você.

Ela observa a jaqueta amassada, o cabelo bagunçado e os olhos injetados.

— Você está de ressaca — ela diz. — Isso não pode estar acontecendo.

— Para com isso, eu dou conta — Rex responde bruscamente.

— Respire perto de mim — ela vocifera.

— Não — ele diz com um sorriso.

— Você pode até estar passando por sérias dificuldades, mas isso não vai fazer diferença... a TV4 vai suspender o contrato se você aprontar de novo.

— Sim, você já me disse.

— Eu não vou deixar você entrar neste estúdio, a menos que me deixe cheirar o seu hálito.

Rex cora quando bafeja no rosto da chefe, olha nos olhos dela e depois se afasta.

Uma jovem vem correndo a fim de segurar a porta aberta para Rex e Sylvia.

— Ainda temos tempo — ela diz sem fôlego.

Rex começa a caminhar em direção aos camarins, mas, quando chega aos íngremes degraus de metal, se sente mal. Ele é obrigado a se agarrar ao corrimão antes de seguir em frente.

Ele passa pela sala verde onde os convidados da semana estão esperando e entra rapidamente em seu camarim. Corre para a pia e lava o rosto e a boca com água fria, cospe e depois se limpa com uma toalha de papel.

Suas mãos tremem quando ele veste o terno impecavelmente passado a ferro, depois o avental de chef.

A jovem está esperando no corredor e segue Rex enquanto ele corre em direção à sala de maquiagem.

Ele se senta na cadeira em frente ao espelho e tenta controlar a tensão assistindo ao noticiário. Uma assistente de maquiagem faz sua barba e uma segunda mistura dois tipos de base em uma paleta.

A intervalos regulares, os apresentadores anunciam que o “chef superestrela Rex estará aqui em breve e vai compartilhar conosco algumas de suas melhores dicas para curar a ressaca”.

— Não preguei os olhos ontem à noite — ele consegue dizer.

— Tudo bem, podemos consertar isso — uma das assistentes de maquiagem garante, segurando uma esponja úmida sobre os olhos inchados dele.

Rex pensa em quando Sammy era pequeno e disse suas primeiras palavras. Era um dia gelado de outono, e seu filho estava brincando na caixa de areia quando, de repente, ergueu os olhos, bateu de leve no chão ao lado dele e disse “Senta, papai”.

Ele nunca quis ter filhos. A gravidez de Verônica não foi planejada. Tudo o que ele queria era beber, cozinhar e trepar.

A maquiadora passa os dedos pelo cabelo dele uma última vez para fazê-lo abaixar.

— Por que as pessoas são tão loucas por chefs? — ela pergunta retoricamente.

Ele apenas ri, agradece a ela por fazê-lo parecer humano novamente e sai correndo para o estúdio.